

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
CAMPUS APARECIDA DE GOIÂNIA
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA BILÍNGUE LIBRAS/PORTUGUÊS

DAYANE FERREIRA SANTOS

TRAJETÓRIAS DE PROFESSORAS NEGRAS: QUESTÕES RACIAIS E DE
GÊNERO

APARECIDA DE GOIÂNIA
2022

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO
NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO IFG - ReDi IFG**

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Digital (ReDi IFG), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IFG.

Identificação da Produção Técnico-Científica

- | | |
|---|---|
| ☐ Tese | ☐ Artigo Científico |
| ☐ Dissertação | ☐ Capítulo de Livro |
| ☐ Monografia - Especialização | ☐ Livro |
| ☒ TCC - Graduação | ☐ Trabalho Apresentado em Evento |
| ☐ Produção Técnico e Educacional – Tipo: _____ | |

Nome Completo do Autor: Dayane Ferreira Santos

Matrícula: 20181090080205

Título do Trabalho: TRAJETÓRIAS DE PROFESSORAS NEGRAS: QUESTÕES RACIAIS E DE GÊNERO

Autorização - Marque uma das opções

1. ☒ Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso aberto);
 2. ☐ Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG somente após a data ____/____/____ (Embargo);
 3. ☐ Não autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso restrito).
- Ao indicar a opção **2 ou 3**, marque a justificativa:
- ☐ O documento está sujeito a registro de patente.
 - ☐ O documento pode vir a ser publicado como livro, capítulo de livro ou artigo.
 - ☐ Outra Justificativa:

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

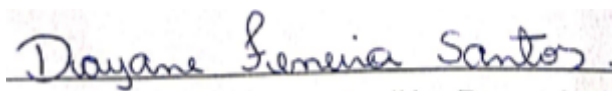
O/A referido/a autor/a declara que:

- i. o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- ii. obteve autorização de quaisquer materiais inclusos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- iii. cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

Aparecida de Goiânia, 28 / 03/ 2022.

Local

Data



Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais

DAYANE FERREIRA SANTOS

TRAJETÓRIAS DE PROFESSORAS NEGRAS: QUESTÕES RACIAIS E DE
GÊNERO

Trabalho de Conclusão de Curso, no formato de monografia, apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia Bilíngue, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás - Campus Aparecida de Goiânia/IFG, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Pedagogia Bilíngue.

Orientadora: Profa. Dra. Keith Daiani da Silva Braga.

APARECIDA DE GOIÂNIA

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S237 Santos, Dayane Ferreira
Trajetórias de professoras negras: questões raciais e de gênero. / Dayane Ferreira Santos. - Aparecida de Goiânia, 2022.
78 f.

Orientadora: Dra. Keith Daiani da Silva Braga.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Goiás: Campus Aparecida de Goiânia, Licenciatura em Pedagogia Bilíngue, 2022.

1. Trajetórias de professoras negras. 2. Desigualdade racial. 3. Desigualdade de gênero. I. Título.

CDD 305.409

Catalogação na publicação:
Thalita Franco dos Santos Dutra – CRB 1/2186

Termo de Aprovação

DAYANE FERREIRA SANTOS

TRAJETÓRIAS DE PROFESSORAS NEGRAS: QUESTÕES RACIAIS E DE GÊNERO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia Bilíngue, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás - Campus Aparecida de Goiânia/IFG, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Pedagogia Bilíngue, sob orientação da Prof.^a Keith Daiani da Silva Braga.

Aprovado em 7 de fevereiro de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Keith Daiani da Silva Braga

Presidente da banca / Orientador

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof.^a Aleir Ferraz Tenório

Membro Interno

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof.^a Jaqueline Pereira de Oliveira Vilasboas

Membro Externo

Universidade Federal de Goiás

Aparecida de Goiânia – GO

2022

Documento assinado eletronicamente por:

- **Jaqueline Pereira de Oliveira Vilasboas, JAQUELINE PEREIRA DE OLIVEIRA VILASBOAS - VISITANTE - UFG (01567601000143)**, em 17/02/2022 12:12:53.
- **Aleir Ferraz Tenorio, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO**, em 16/02/2022 14:38:12.
- **Keith Daiani da Silva Braga, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO**, em 15/02/2022 22:15:34.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 01/02/2022. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifg.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 241566

Código de Autenticação: f5dc5767c7



Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Avenida Universitária Vereador Vagner da Silva Ferreira, Qd. 1, Lt. 1-A, Parque Itatiaia, APARECIDA DE GOIÂNIA / GO, CEP 74968-755

(62) 3507-5958 (ramal: 5985)

À minha família, por todo amor e cuidado.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus por ter me guiado até esse momento tão importante para minha formação.

Agradeço a minha família por me apoiar durante essa trajetória, especialmente à minha mãe por todo o esforço e dedicação, que como mãe solo passou por inúmeras dificuldades, e não se deixou abalar, por vezes renunciou a benefícios próprios por nós (meu irmão e eu), me proporcionando a oportunidade de estudar, me incentivando durante todo meu processo de formação. Sueli você foi uma mãe maravilhosa, guerreira, forte, sábia e inspiradora, espero um dia ser uma mãe igual a você.

Ao meu noivo e em breve marido, por todo apoio, amor e carinho. Obrigada por ter me ajudado durante todo o processo de desenvolvimento desse trabalho, me incentivando, me dando o espaço necessário nas vezes que precisei, pelo companheirismo nas leituras e escrita, esse trabalho é meu, mas tem um dedo seu também.

Aos professores e professoras do Instituto Federal de Goiás, campus Aparecida de Goiânia, que me deram aula durante o curso de Pedagogia Bilíngue, que contribuíram na minha formação, lembrarei e carregarei durante toda a minha vida o conhecimento adquirido com vocês.

As minhas colegas que me “aturaram” ao longo do curso, por terem me apoiado no desenvolvimento de todos os trabalhos em grupo, nas apresentações de seminários, em todos os estudos árduos. E também agradeço a elas pelos momentos de descontração, diversão e fofocas.

A banca examinadora desse trabalho, professora Aleir Ferraz Tenório e professora Jaqueline Pereira de Oliveira Vilasboas por aceitarem o convite para participar da banca e pelas significativas contribuições que me proporcionaram como minhas professoras ao longo do curso.

E por fim, agradeço a minha orientadora a professora Keith Daiani da Silva Braga, primeiramente por ter aceitado ser minha orientadora nessa pesquisa, pela disposição, pela dedicação, orientação e paciência nesse processo que não foi fácil. Sem você esse trabalho não seria possível.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso teve como objetivo compreender as trajetórias e vivências de professoras negras da educação infantil e do ensino fundamental I. Entendemos que a desigualdade racial e a desigualdade de gênero afetam e perpassam as trajetórias dessas docentes. Pretendemos, com essa pesquisa: compreender o caminho que percorreram até se tornarem professoras pedagogas, identificar as motivações de mulheres negras na escolha profissional da Pedagogia e analisar como a desigualdade racial e de gênero afetam o trabalho que realizam na escola. Para isso, desenvolvemos uma pesquisa qualitativa, com caráter bibliográfico e exploratório. Metodologicamente acessamos as narrativas de vida de professoras negras em teses e dissertações publicadas sobre o assunto. O referencial teórico que guiou nossas análises, foi composto pelos estudos raciais e de gênero na Educação. Trabalhamos especialmente com o autor e as autoras: Gomes (2005), Louro (1997a e 1997b), Nascimento (2012), Carvalho (2018), Lins, Machado e Escoura (2016), Da Silva, Machado e Costa (2021) e Carneiro (2003). Como resultado de pesquisa, pudemos observar que o racismo esteve presente na trajetória escolar (infância e juventude) e acadêmica (vida adulta) das professoras negras. Também identificamos que as principais motivações para a escolha do magistério e/ou pedagogia foram influenciadas por questões socioeconômicas, desejo e ascensão social. Por fim, analisamos que no ambiente de trabalho, como pedagogas, elas enfrentam a desigualdade racial e de gênero, tais como: dificuldade de inserção no mercado de trabalho, têm suas competências questionadas constantemente e enfrentam obstáculos ao assumirem cargos de gestão.

Palavras-chave: Trajetórias de professoras negras; desigualdade racial; e desigualdade de gênero.

ABSTRACT

This course monograph aimed to understand the trajectories and experiences of black women teachers of early childhood education and elementary school I. We understand that racial inequality and gender inequality affect and permeate the trajectories of these teachers. With this research, we intend to: understand the path they took to become pedagogue teachers, identify the motivations of black women in the professional choice of Pedagogy and analyze how racial and gender inequality affect the work they perform at school. For this, we developed a qualitative bibliographic and exploratory research. Methodologically, we accessed the life narratives of black teachers in theses and dissertations published on the subject. The theoretical framework that guided our analysis was composed of racial and gender studies in Education. We worked especially with the authors: Gomes (2005), Louro (1997a and 1997b), Nascimento (2012), Carvalho (2018), Lins, Machado and Escoura (2016), Da Silva, Machado and Costa (2021) and Carneiro (2003). As a result of the research, we could observe that racism was present in the school (childhood and youth) and academic (adult life) trajectory of black teachers. We also identified that the main motivations for choosing teaching and/or pedagogy were influenced by socioeconomic issues, desire and social ascension. Finally, we analyze that in the work environment, as pedagogues, they face racial and gender inequality, such as: difficulty in entering the labor market, their skills are constantly questioned and they face obstacles when taking on management positions.

Keywords: Trajectories of black female teachers; racial inequality; and gender inequality.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 OS CAMINHOS DA PESQUISA	16
3 REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE AS QUESTÕES RACIAIS, DE GÊNERO E A DOCÊNCIA	24
4 TRAJETÓRIAS DE VIDA DE PROFESSORA NEGRAS	38
4.1 EIXO DE ANÁLISE 1: EXPERIÊNCIAS DOS TEMPOS DE ESCOLA DAS PROFESSORAS NEGRAS	40
4.2 EIXO DE ANÁLISE 2: AS MOTIVAÇÕES PARA ENTRADA NO MAGISTÉRIO E OS DESAFIOS PARA SE FORMAREM COMO PROFESSORAS	49
4.3 EIXO DE ANÁLISE 3: AS VIVÊNCIAS PROFISSIONAIS ATUAIS: RACISMO, MACHISMO E RESISTÊNCIA	59
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	70
REFERÊNCIAS	74

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso, na licenciatura em Pedagogia Bilíngue, tem como tema as trajetórias de professoras negras, com foco nas questões raciais e de gênero. Temos o objetivo de compreender as trajetórias e vivências de professoras negras da educação infantil e ensino fundamental I.

E os objetivos específicos desse estudo foram: Compreender a trajetória educacional das mulheres negras até se tornarem professoras pedagogas, identificar as motivações dessas mulheres na escolha profissional da pedagogia ou magistério e analisar como a desigualdade racial e de gênero afetam o trabalho de professoras negras no espaço escolar. Tivemos por questão norteadora: Como o racismo e a desigualdade de gênero atravessam as trajetórias e experiências das professoras pedagogas negras?

A escolha desse tema de pesquisa teve motivações pessoais e acadêmicas.

A justificativa pessoal é a pouca vivência ao longo da minha vida¹ escolar e acadêmica, com professoras negras. A baixíssima representatividade da mulher negra nas escolas por onde passei na formação básica e também no ensino superior, na minha formação como pedagoga, me marcou muito, me levando a refletir sobre o contexto da professora negra. Eu por meio dessa pesquisa, busquei conhecimento das trajetórias de vida das professoras negras, para entender como é ser uma professora negra, como eu serei uma professora negra, além de contribuir para a reflexão sobre as mulheres negras na Educação e na luta pelos direitos e valorização do potencial das mulheres.

A justificativa acadêmica é que há poucos estudos na educação que articulam gênero e raça, ainda que esse debate seja muito importante quando falamos de educação brasileira. Em nosso levantamento inicial para fazer o pré-projeto e o projeto, notamos que são poucos os trabalhos sobre trajetória, magistério e docência, que abordam as vivências de professoras negras. Os trabalhos abordam gênero ou abordam raça, e o lugar da mulher negra na

¹ Utilizarei a primeira pessoa do singular quando falar das minhas experiências individuais e o plural “nós” nos outros momentos do texto.

educação permanece sem espaço suficiente de reflexão. Consideramos, por isso, que a nossa proposta tem relevância social, pois ainda estamos vivendo em uma sociedade extremamente machista e racista, na qual ser uma pedagoga negra é viver atravessada por conflitos, obstáculos e superações. Dessa maneira, essa pesquisa pretende contribuir com uma reflexão sobre ser professora de maneira antirracista e antimachista.

Os estudos raciais em diversas áreas, inclusive na educação, mostram que no Brasil as desigualdades sociais entre brancos e negros estão diretamente relacionadas às questões raciais, e que a população negra sofre uma grande desvantagem, porque em nosso país tom de pele define as oportunidades. Também podemos afirmar, a partir dos dados do Censo Escolar de 2017, que as professoras e professores negros estão em minoria em todos os níveis educacionais (da educação infantil até a universidade), e que essas condições desfavoráveis, que são históricas, afetam principalmente as mulheres negras. Os estudos de gênero na educação, mostram que existe uma grande desigualdade entre homens e mulheres, principalmente na área da educação, que a inserção das mulheres no magistério não aconteceu sem tensões, inferiorização e desvalorização da profissão docente, pois a sociedade brasileira via e ainda vê as mulheres como inferiores, especialmente a mulher negra. A articulação desses dois fatores: raça e gênero, foi muito importante nessa pesquisa, pois estudamos professoras negras, o que nos leva a necessidade de termos um referencial teórico que abarque tudo isso.

A cultura ocidental e cristã, com o seu preconceito com as mulheres e a discriminação racial e de gênero ajudaram a construir essa cruel realidade brasileira para as mulheres negras. Desde o início da colonização, a visão europeia imposta no Brasil, entendia o corpo feminino como aquele que representa o pecado, o erro, a doença e a incapacidade. Em outras palavras, o corpo feminino era visto como o ser que não tinha domínio de si, portanto ele deveria ficar ao domínio do outro, as mulheres sob o domínio dos homens (LOPES, 2008).

Segundo Lopes (2008) no Brasil há uma diferença entre a história de opressão das mulheres brancas, indígenas, orientais e de outras etnias, e especialmente da mulher negra. O corpo da mulher negra ainda carrega uma carga de estigmas e estereótipos, causado pelo racismo e pela desigualdade de

gênero que até hoje está presente na estrutura e nas práticas sociais brasileiras. Nosso corpo negro provoca lembranças do passado dramático, da escravidão, que a sociedade insiste em esquecer da história do Brasil: os abusos, a força de trabalho e a mão-de-obra escravizada que participou ativamente durante todas as fases de formação social, política e econômica desse país.

A sociedade brasileira tem dificuldade de assumir e reparar os danos causados pela escravidão, tenta ignorar ou diminuir que um dia foi permitido que seres humanos virassem propriedade de outros seres humanos. E para a mulher negra escravizada o sofrimento era imenso, elas eram vítimas constantes de estupro e além de ter seus corpos violados, tinham que carregar em seus ventres os filhos e filhas de seus senhores brancos, gerando ainda outras punições por parte das esposas de seus senhores, que as infligiam castigos e humilhações. Essa carga de desumanização que as mulheres negras sofreram, nem sempre é discutida quando pensamos no racismo voltado para as mulheres. Os estereótipos do presente relacionados às mulheres negras, estão diretamente ligados a esse período, que além de todo o sofrimento citado acima, as mulheres negras escravizadas ainda eram responsáveis pelos diversos trabalhos domésticos como: cozinhar, limpar, lavar e até como ama de leite dos filhos e filhas de seus senhores brancos, gerados por suas esposas (LOPES, 2008).

Quando pensamos nos modos de ser professora, não podemos nos esquecer que as mulheres tiveram que resistir ao longo dos anos para ocupar a docência. A carreira no magistério do início da colonização até o início do século XX era frequentada por homens, e através das mudanças sociais, econômicas e resistência feminina, as mulheres passam a ter acesso à docência e ao espaço público, mas de acordo com os moldes machistas, que faziam referência ao trabalho realizado por elas no lar. Ou seja, pensando e reforçando a docência como um espaço para as mulheres serem “mães” das crianças de outras mulheres, as professoras foram vistas como alguém que deveria dar amor, cuidado e ter sensibilidade e não como profissionais (COSTA e GREGORIO, 2018). Este tema também é debatido pela pesquisadora de gênero na educação Guacira Lopes Louro, em “Mulheres na sala de aula”. Para ela, as mulheres tiveram que resistir muito e aceitar certos discursos machistas de maneira estratégica, para conseguirem trabalhar como professoras a partir do século XX.

Com base nas entrevistas realizadas por Costa e Gregorio (2018) na pesquisa: “A mulher negra professora e seus lugares de pertencimento”, e com os dados das autoras de gênero e raça, tais como Nilma Lino Gomes e Guacira Lopes Louro, nós podemos entender que o magistério foi por anos a única profissão feminina considerada respeitada e também a única forma institucionalizada de emprego que pertencia à mulher branca, e que para muitas mulheres negras foi e continua sendo uma forma de ascensão social pela inserção profissional escolarizada. Todavia, muitos estudos ainda abordam apenas a trajetória já conhecida das mulheres brancas no magistério e não conseguem nos fornecer mais conhecimentos sobre as professoras negras.

Por conta dessas lacunas nos estudos e pelo desconhecimento do que é ser uma professora negra, que queremos conhecer as trajetórias e as vivências dessas mulheres negras como professoras na educação infantil e ensino fundamental I, como forma de também refletirmos sobre a desigualdade racial e desigualdade de gênero na educação.

Carvalho (2018) em diálogo com Barbosa, Campos e Valentim (2011), aponta a importância de termos mais estudos a respeito das dimensões demográficas de sexo e cor/raça no contexto escolar, e como essas características podem refletir nas questões de interação nas relações docente-estudante. Esta é mais uma reafirmação da importância dessa pesquisa, por analisarmos gênero e raça no mesmo estudo, trazendo a visão da professora negra. A autora Santana (2011) ressalta que os estudos sobre professoras negras no Brasil, está contribuindo e conquistando lugar na produção teórica educacional das universidades, embasados nos estudos nas temáticas raciais e de gênero, que é o caso dessa pesquisa.

Para realizar essa investigação, nos apropriamos teoricamente de alguns conceitos e pontos importantes atrelados à gênero, raça e educação, assim temos como fundamentação teórica os estudos de gênero e das relações raciais na educação, por meio de autor e autoras que trabalham com a teoria feminista e o feminismo negro (interseccional) na educação, tais como: Gomes (2005), Louro (1997a, 1997b), Nascimento (2012), Carvalho (2018), Lins, Machado e Escoura (2016), Da Silva, Machado e Costa (2021) e Carneiro (2003).

Em termos de metodologia, a pesquisa é qualitativa com caráter bibliográfico e exploratório. Utilizamos narrativas de professoras negras presentes

em estudos (teses e dissertações) já realizados e publicados em nível de mestrado e doutorado na Educação. Buscamos esses estudos nos bancos de dados e repositórios da Banco de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e no Banco de teses e dissertações do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), escolhemos as pesquisas que estão mais atreladas ao nosso estudo, e assim analisamos as narrativas de vida das professoras negras de acordo com os objetivos definidos.

Essa pesquisa está dividida em três capítulos. O primeiro é destinado a metodologia, em que buscamos explicar todo o caminho percorrido para o desenvolvimento desse trabalho. No segundo capítulo nos apropriamos teoricamente de alguns conceitos e pontos importantes atrelados a gênero, raça e educação, de acordo com as autoras e autores do nosso referencial teórico, apresentarmos uma breve exposição de alguns pontos e conceitos importantes para nosso estudo. No terceiro e último capítulo analisamos as narrativas de professoras negras, escolhidas de outros trabalhos científicos já realizados e publicados de acordo com nossos objetivos de pesquisa. Nosso estudo se encerra com as considerações finais sobre as conclusões que chegamos na investigação e com as referências utilizadas durante o percurso.

2 OS CAMINHOS DA PESQUISA

Nesse capítulo vamos apresentar todo o caminho percorrido durante a pesquisa. Como dissemos na introdução nossa pesquisa é bibliográfica de caráter qualitativo e exploratório.

Para começar a discussão da metodologia, podemos nos perguntar: o que é pesquisa? As autoras Gerhardt e Souza (2009) e o autor Gil (2007), defendem a pesquisa como algo que se desenvolve através de um processo rigoroso de investigação composto de várias fases, que vai da definição do problema de pesquisa (pergunta) até a apresentação e discussão dos resultados encontrados. Em outras palavras, a pesquisa é um processo racional e planejado, que busca as respostas para os problemas definidos no início da própria investigação. A pesquisa é a busca ou a procura de respostas para algo, e ela só pode ter início se existir uma pergunta ou uma dúvida que se quer procurar a resposta (GERHARD e SOUZA, 2009).

Nesse trabalho buscamos resposta para a seguinte pergunta: Como o racismo e a desigualdade de gênero atravessam as trajetórias de vida e experiências das professoras pedagogas negras? Para alcançar essa resposta, levantamos vários outros questionamentos sobre as trajetórias de professoras negras, no intuito de estimular nosso olhar de pesquisa: por que elas se tornaram professoras? Como elas se tornaram professoras? Como suas trajetórias de vida influenciaram nessa escolha? Como foi a trajetória escolar dessas professoras? As professoras negras contaram com rede de apoio familiar para estudar? Como está sendo construída a identidade da professora negra? Gênero e raça tiveram espaço na formação de professores e professoras? Como é ser uma professora negra atualmente? Como está sendo a educação de crianças negras, em especial das meninas negras, na visão dessas professoras? As professoras negras se sentem respeitadas pelas famílias das crianças? As professoras negras são ouvidas pelas pessoas que trabalham na escola? As professoras negras lidam com o machismo na escola? Tem diferença se for um professor negro? As professoras negras lidam com o racismo na escola?.

Meu impulso inicial motivador para o estudo era entender e refletir a falta de representatividade das professoras negras no ambiente escolar e como isso

influencia na construção da identidade de futuras professoras negras, assim como eu. Contudo, após refletir, discutir e pensar a pesquisa, chegamos, minha orientadora e eu, em outras perguntas, mais amplas sobre as trajetórias de professoras negras.

Escrever a metodologia do projeto e depois do TCC foi muito importante para mim e para que as futuras leitoras e leitores entendam todo o caminho da nossa pesquisa. Etimologicamente, metodologia é o estudo da organização, do caminho que será percorrido ao longo do estudo ou da pesquisa. Metodologia é a validação do caminho escolhido ao longo da pesquisa, não podendo ser confundido com a teoria, ou seja, os autores, autoras e conceitos estudados que amparam a investigação. Por ser o caminho, a metodologia é construída durante todo o processo de pesquisa e escrita, para situar o leitor ou a leitora de como a pesquisa foi realizada, o trajeto percorrido para chegar aos resultados produzidos e as respostas alcançadas (GERHARD e SOUZA, 2009). Esse capítulo foi sendo construído desde o pré-projeto, passando pelo projeto e finalizado nessa monografia ao final da pesquisa.

É importante apresentar a metodologia, pois temos que ter cuidado e rigor no momento de fazermos nosso estudo, já que ele tem que ser baseado no que é científico e acadêmico e não no senso comum. As autoras Gerhardt e Souza (2009) em diálogo com Fonseca (2002), nos ensinam que o senso comum tem origem da nossa necessidade imediata de resolver problemas, e que nossa vida se desenvolve em torno dele. O senso comum é adquirido através de ações sem planejamentos, ele é construído instintivo, subjetivo, espontâneo, acrítico, envolvido pelas opiniões, emoções e valores da pessoa que o produziu. Sendo assim, o senso comum também é uma forma específica de conhecimento, que a cultura popular se baseia, e apesar de não ser sofisticada está sendo recentemente reconhecida. O senso comum é importante, ele é um estágio importante para chegarmos aos níveis mais críticos de saber, mas nessa pesquisa de TCC utilizamos embasamentos científicos e acadêmicos, para alcançar respostas sobre as trajetórias e vivências das professoras negras.

O conhecimento científico é construído pela investigação científica, por meio de seus métodos. É resultado do aperfeiçoamento do senso comum, o conhecimento científico nasce da verificação do senso comum através da metodologia científica. Esse conhecimento é objetivo, metódico, necessitando de

demonstração e comprovação (FONSECA, 2002, p.11 apud GERHARDT e SOUZA, 2009, p. 14). É nele que baseamos nossa pesquisa, na investigação científica. Essa pesquisa teve por objetivo geral e objetivos específicos os seguintes:

Objetivo Geral:

Compreender as trajetórias e vivências de professoras negras da educação infantil e ensino fundamental I

Objetivos Específicos:

- Compreender a trajetória educacional das mulheres negras até se tornarem professoras pedagogas;
- Identificar as motivações de mulheres negras na escolha profissional da Pedagogia ou Magistério;
- Analisar como a desigualdade racial e de gênero afetam o trabalho de professoras negras no espaço escolar.

Para alcançar esses objetivos optamos por uma pesquisa bibliográfica com caráter qualitativo e exploratório.

A pesquisa qualitativa é aquela que se preocupa com opiniões, crenças, valores, visões de determinados grupos ou pessoas. As autoras Silveira e Córdova (2009), nos apresentam que a pesquisa qualitativa está preocupada com o aprofundamento da compreensão do grupo social pesquisado ou de uma organização, e a representatividade numérica não é o foco desse tipo de pesquisa.

Com a pesquisa qualitativa vamos dar destaque a reflexão escrita, fundamental para o processo de pesquisa e divulgação dos resultados; ela é apropriada de acordo com a natureza do problema de estudo e das questões e objetivos orientadores da investigação (GODOY, 1995). Em nosso caso, que buscamos compreender a trajetória e vivência das professoras negras da educação infantil e do ensino fundamental I, é apropriada a pesquisa e a reflexão

qualitativa, pois foi por meio dela que conseguimos entrar em contato com as opiniões, visões, experiências das professoras negras presentes em estudos de mestrado e doutorado por nós levantados.

É importante mencionar que o desenvolvimento de uma pesquisa não é totalmente previsível, o conhecimento do pesquisador ou da pesquisadora é parcial e limitado. E por isso, o objetivo principal da pesquisa foi produzir novas informações ou novas maneiras de olhar para um tema conhecido. Através da pesquisa qualitativa pretendíamos descrever, compreender, explicar, interpretar e refletir sobre a trajetória de professoras negras a partir das opiniões, crenças, histórias de vida e visões das pessoas pesquisadas com base em dissertações e teses já publicadas; gostaríamos de alcançar a maior profundidade e fidelidade possível em nossos resultados; é importante dizer que não há um único modelo de pesquisa para todas as ciências, mas escolhemos esse perfil qualitativo bibliográfico para a nossa (SILVEIRA e CÓRDONA, 2009).

De acordo com Lakatos e Marconi (2003) todas as publicações avulsas, jornais, revistas, pesquisas, teses, monografias etc..., além de todos os meios de comunicações orais e audiovisuais tornados públicos, pesquisados e utilizados sobre o tema de estudo, é considerado pesquisa bibliográfica ou documental (quando a fonte de informações é primária). Em nosso caso, trabalhamos com fontes tratadas, com publicações sobre o tema, ou seja, a bibliográfica e não a documental.

A pesquisa bibliográfica é realizada através de levantamentos de referências teóricas que já foram analisadas e publicadas anteriormente, por meios escritos e/ou eletrônicos, como por exemplo em livros, artigos científicos, teses e dissertações. Todos os trabalhos científicos começam com uma pesquisa bibliográfica, proporcionando assim ao pesquisador ou a pesquisadora conhecer os estudos que já foram realizados sobre o assunto. Porém, também existem estudos científicos que são baseados somente na pesquisa bibliográfica, com o objetivo de buscar referências teóricas publicadas, para recolher informações ou conhecimentos prévios a respeito do problema de pesquisa (SILVEIRA e CÓRDONA, 2009). Por isso, apesar da grande maioria dos estudos utilizarem essa metodologia, temos pesquisas que a sua base é exclusivamente construída com fontes bibliográficas, que foi o nosso caso.

Além de qualitativa e bibliográfica a nossa pesquisa é exploratória. Silveira e Córdona (2009) e Gil (2007) nos explicam que esse tipo de pesquisa tem como objetivo conceder maior familiaridade ao problema pesquisado, visando torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. A maioria das pesquisas científicas, envolvem primeiramente o levantamento bibliográfico, em seguida algumas têm entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado e por último a análise de exemplos que estimulem a compreensão. Neste estudo temos uma pesquisa completamente bibliográfica. Acessamos as narrativas de professoras negras por meio de teses e dissertações sobre trajetória docente, e como realizamos somente um apanhado geral sobre o assunto, pois sou uma pesquisadora iniciante, essa pesquisa também se qualifica como exploratória. O próprio nome já nos indica que se trata de uma “exploração” sobre o assunto, que pode ser aprofundado em outros estudos mais avançados no futuro, como no mestrado e doutorado.

O autor Gil (2008) afirma que a pesquisa bibliográfica tem suas vantagens. Uma delas é permitir um olhar mais geral sobre o assunto. O investigador ou a investigadora tem contato com uma diversidade de dados maior do que ela poderia levantar, pessoalmente. Como desvantagem, nem sempre as fontes são confiáveis, apresentando dados coletados ou processados incorretamente, podendo acarretar baixa qualidade da pesquisa. Enfrentamos estes riscos citados acima com leituras, pesquisas e estudos mais aprofundados dos trabalhos escolhidos, para termos maior confiança de que iríamos nos basear neles para construir o nosso estudo. Com essa pesquisa pudemos proporcionar novas conclusões através de enfoques e abordagens diferentes das pesquisas realizadas anteriormente, sem ser uma repetição do que já foi falado ou escrito sobre o assunto tratado (LAKATOS e MARCONI, 2003).

Além de uma visão geral do assunto, pude ter maior controle do processo de pesquisa, como pesquisadora não irei interferir nos dados da pesquisa e por minha falta de experiência como investigadora, essas são vantagens da minha pesquisa ser bibliográfica e exploratória. Por outro lado, enfrentei algumas desvantagens como comentamos anteriormente, pois somente tive acesso aos estudos feitos por outras pessoas (outras pesquisadoras e pesquisadores que fizeram as entrevistas com as professoras negras), fiquei limitada as fontes de escolha para a análise (as perguntas que outras pessoas fizeram e

sistematizaram) e não tive experiência de produzir meus próprios dados empíricos.

Conforme já disse no começo do capítulo, a metodologia é o caminho percorrido durante a pesquisa, por isso irei apresentar, de forma mais detalhada, as fases do nosso processo de pesquisa. Primeiramente começamos pela escolha do tema.

O tema me chamou atenção pela falta de vivência com professoras negras durante minha trajetória escolar e falta de representatividade no meu convívio social. Na faculdade, infelizmente esse cenário não teve mudanças. Durante o curso de Pedagogia Bilíngue, do IFG, tivemos somente duas professoras negras efetivas, mas uma decidiu sair da instituição para atuar na universidade federal. Ao longo do curso participei de alguns seminários sobre culturas negras e questões étnico-raciais e esses espaços me motivaram a pesquisar o tema racial na Pedagogia, então procurei a professora Keith, uma pesquisadora negra de gênero para que juntas desenvolvêssemos o tema de pesquisa abordando a interseccionalidade entre gênero e raça.

Em seguida realizamos a construção do pré-projeto, iniciamos com leituras e levantamentos sobre o tema, buscando articular raça e gênero na educação. Com as orientações da professora e os primeiros fichamentos dos autores e autoras: Costa e Gregório (2018), Gil (2008), Godoy (1995), Lopes (2008) e Marconi e Lakatos (2003) finalizei o pré-projeto, que foi aprovado pelo Núcleo Docente Estruturante - NDE do Curso de Pedagogia Bilíngue, continuamos com as leituras e fichamentos dos textos importantes para aprofundar no assunto, comecei a transformar o pré-projeto em projeto.

A partir das novas leituras e as orientações semanais, finalizei a escrita do meu projeto. Apresentei da melhor maneira possível os objetivos da pesquisa, a metodologia seguida, a justificativa para que meu tema seja considerado relevante para a educação e o referencial teórico, construído pelas leituras de gênero e raça na educação. Assim, concluí a disciplina de TCC I com aprovação para cursar a disciplina de TCC II.

Passado o levantamento inicial, para a construção do projeto, realizamos o levantamento bibliográfico mais aprofundado para transformar, o até então projeto, em TCC. Esse levantamento foi realizado nos repositórios do Banco de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível

Superior (CAPES) e no Banco de teses e dissertações do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) que desenvolveu e coordena a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Buscamos teses e dissertações que abordavam as trajetórias de professoras negras, por meio das palavras-chaves tais como: “professoras negras na educação básica”, “trajetória de professoras negras”, “gênero e raça na educação”, “professoras negras no ensino fundamental”, “professoras negras na educação infantil” entre outros. Encontramos algumas, entre eles os seguintes trabalhos:

- Trajetórias de professoras negras lésbicas no ensino público: rompendo o ciclo de silêncio. Tainah Mota do Nascimento. São Leopoldo, 2020.
- Histórias de ébano: professoras negras de educação infantil da cidade de São Paulo. Míghian Dana e Ferreira Nunes. São Paulo, 2012.
- Mulheres negras e educadoras: de amas-de-leite a professoras. Arlete dos Santos Oliveira. São Paulo, 2009.
- Trajetórias e identidades de docentes negras na educação superior. Edicleia Lima de Oliveira. Dourados, 2020.
- Abrindo o livro das suas vidas: trajetórias de formação de quatro professoras negras. Fernanda Gabriela Soares dos Santos. Santa Maria, 2010.

Encontramos poucos trabalhos que abordam a intersecção entre raça e gênero, mas continuamos as buscas, com novos termos, também buscamos no google acadêmico e escolhemos quatro pesquisas para a futura análise. São estudos que contêm narrativas de professoras e/ou pedagogas negras na educação infantil e ensino fundamental I, que melhor atenderam aos nossos objetivos de pesquisa, sendo eles:

- A. “Professoras negras: narrativas e memórias dos percursos escolares e de formação”. Rosilda Campelo dos Santos. Defendido em 2019. Dissertação (Mestrado) apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica de Goiás.
- B. “Trajetória de professoras negras: educação, gênero e raça”. Kelly da Silva. Defendido em 2020. Tese (Doutorado) apresentada ao

Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora.

- C. “Histórias de vida de professoras negras: trajetórias de sucesso”. Cleonice Ferreira do Nascimento. Defendida em 2012. Dissertação (Mestrado) apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso.
- D. “Trajetórias de vida de professoras negras da baixada cuiabana/MT”. Nilvaci Leite de Magalhães Moreira. Defendida em 2013. Dissertação (Mestrado) apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso.

O trabalho A foi escolhido por conter narrativas que contemplam nossos eixos de pesquisa, o trabalho B por apresentar excelentes narrativas das trajetórias acadêmicas das professoras negras, os trabalhos C e D foram escolhidos por retratarem por meio das narrativas, elementos fortes sobre a trajetória escolar e profissional das professoras negras.

Depois da escolha dos trabalhos, realizamos uma leitura aprofundada das narrativas e as filtramos, para definirmos aquelas que fariam parte da nossa pesquisa. Definimos três eixos de análise das narrativas, que iriam contemplar os nossos objetivos específicos. Sendo eles: Experiências dos tempos de escolas das professoras negras; as motivações para entrada no magistério e os desafios para se formarem como professoras e as vivências profissionais atuais: racismo, machismo e resistência. Em paralelo a isso, fui construindo meus dois primeiros capítulos, adaptando tudo que elaborei para meu projeto, ampliando e aprofundando para que se transformassem nos capítulos apresentados nessa pesquisa.

Depois das narrativas escolhidas, buscamos trabalhos, textos e livros, que nos ajudassem na construção da análise, autoras que também realizaram pesquisa sobre o tema ou que discutiram ao longo de seus trabalhos tema relacionado com o nosso. Com muito esforço e dedicação conseguimos finalizar esse capítulo de análise e nossa pesquisa. Se vocês, leitores e leitoras, estão lendo esse trabalho, significa que consegui e esse trabalho está disponível para apreciação de todos e todas.

3 REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE AS QUESTÕES RACIAIS, DE GÊNERO E A DOCÊNCIA

Conforme escrito no capítulo anterior, essa monografia teve por objetivo compreender as trajetórias e vivências de professoras negras da educação infantil e ensino fundamental I. Para isso precisamos nos apropriar teoricamente de alguns conceitos e pontos importantes atrelados a gênero, raça e educação. Tentaremos, nessa parte que é destinada as reflexões teóricas, apresentar uma breve exposição de alguns pontos e conceitos importantes para nosso estudo. Iniciaremos com os estudos raciais, com a discussão da desigualdade racial, o conceito de raça, racismo e identidade racial. Posteriormente, debateremos a respeito do conceito de gênero, seu nascimento no movimento social e na teoria feminista. Por último, refletiremos sobre gênero, raça e perfil docente com os dados do Censo Escolar de 2017².

No Brasil, as desigualdades sociais entre brancos e negros estão essencialmente baseadas nas questões raciais. O tom de pele define as oportunidades, e as maiores chances de assumir cargos elevados e de salários melhores, estão postos para pessoas que a pigmentação da pele é mais clara, e para as pessoas de tonalidade de pele mais escura, recebem bem menos chances de chegarem à cargos de trabalhos com maior valor social. Ou seja, a cor e a raça determinaram e ainda determinam a posição, status e lugar das pessoas nessa nossa sociedade racista (NASCIMENTO, 2012).

Sabemos que as condições desfavoráveis que são submetidas a população negra no Brasil, são históricas, principalmente para as mulheres negras. Nós somos constantemente discriminadas e excluídas das melhores oportunidades sociais do nosso país. Isso ocorre porque “um complexo de circunstâncias históricas atuou no sentido de limitar as oportunidades socioeconômicas da população de cor durante as quatro décadas seguintes à escravidão” (HASENBALG, 1997, p.167 apud NASCIMENTO, 2012, p. 37-38). Isso significa que as desigualdades sociais entre a população branca e a população negra, não é somente uma herança adquirida da época da escravidão,

² No momento que começamos a pensar o tema, esses dados de 2017 foram os que tivemos acesso por meio de fontes secundárias. Após o acesso a elas, passamos a trabalhar com os dados de 2017 diretamente. E ao longo da pesquisa decidimos por não atualizarmos.

mas um reflexo da falta de oportunidades iguais de ascensão social para a população negra depois da abolição da escravidão. Os negros e negras em nosso país nunca tiveram a chance de se desenvolverem, assim como a população branca (NASCIMENTO, 2012).

Por esse fator os trabalhos manuais são ocupados por muitas pessoas negras. E enquanto nesses trabalhos a aparência não conta muito, as pessoas negras podem ser avaliadas pela dedicação que apresentam. Contudo, quando falamos de ocupações que lidam com o público ou consumidores, muitas pessoas negras são gravemente excluídas, não por falta de qualificação, mas sim por questões de estética, por não terem uma estética branca. Ser negro ou negra em nosso país é ser considerado uma pessoa “feia”. Nosso cabelo é visto como desarrumando e mesmo que estejamos “bem arrumadas”, ainda somos vistas com o estereótipo de “escrava”, “serviçal”, empregada e inferior. E quando pensamos no trabalho docente isso também tem impacto, quando as pessoas imaginam uma professora, pensam em uma mulher branca. A pessoa negra dentro da escola é vista como a auxiliar de limpeza, da cozinha, entre outros cargos que colocam as mulheres negras no trabalho manual, escondido, não a frente de uma sala de aula, compartilhando conhecimento (NASCIMENTO, 2012).

Ser uma professora negra está atravessada de vários desafios e um deles é o racismo, mas para entrarmos nessa discussão precisamos definir o que é raça. Para isso vamos apresentar algumas reflexões da pedagoga, pesquisadora negra Nilma Lino Gomes, um dos principais nomes nos estudos étnico-raciais na educação. Gomes é pedagoga, doutora em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo. Integra o corpo docente permanente da Pós-Graduação em educação conhecimento e inclusão social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Faz parte da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN). Investiga os temas: diversidade, cultura e educação, relações étnico-raciais e educação, formação de professores e professoras, desigualdade sociais e raciais, movimentos sociais e educação, com ênfase especial na atuação do movimento negro brasileiro.

Em seu texto, “Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão”, Gomes (2005) explica que no século XIX o termo “raça” era usado para definir raças superiores e inferiores, contudo atualmente o termo “raça” é usado pelo Movimento Negro e alguns

sociólogos e sociólogas com o oposto dessa definição, deram uma nova interpretação, fundamentada na dimensão social e política do termo “raça”. Esse termo, mesmo incômodo para muitas pessoas, ainda é usado porque na sociedade brasileira, até hoje existe discriminação racial e o racismo com base nos aspectos físicos e culturais das pessoas negras, tais como: o tom de pele, o cabelo, a cultura e religião de matriz africana, que é a todo momento discriminada, inferiorizada, questionada.

Para o movimento negro e para os e as estudiosas negras, não existe raça com sentido biológico, como uma forma de hierarquizar seres humanos, e sim raça com o sentido de construção social e cultural (GOMES, 2005).

Para a pedagoga Gomes (2005), na sociedade brasileira existe o racismo e o preconceito racial. Eles estão acontecendo no nosso cotidiano, nas relações desiguais de gênero, na discriminação do mercado de trabalho e desde a educação básica até à universidade, os negros e negras são discriminados e vivenciam todos os dias na pele a desigualdade racial infligida por outros grupos étnico-raciais desse país, contudo sempre se negou essa realidade.

O racismo pode ser constituído por vários fatores, como a vontade de um determinado grupo de impor uma verdade e/ou uma crença particular e absoluta como sendo única e verdadeira, ele pode se apresentar através de grupos que ainda acreditam que existem raças superiores e inferiores. O racismo pode ser um comportamento, uma ação que resultou da aversão de um grupo a outro, só com base em características físicas e culturais, como o tom de pele, tipo de cabelo, a religião e a cultura (GOMES, 2005). Além disso, o racismo é um projeto, uma forma estrutural de lucrar por meio da exploração das pessoas negras.

Ele se apresenta de duas formas interligadas: a individual e a institucional (GOMES, 2005).

Na forma individual, é quando o racismo acontece por meios de atos discriminatórios que atinge uma pessoa infligidos por outra, podendo ser de níveis leves através de insultos, destruição de bens e propriedades, a níveis violentos como agressões verbais e físicas, podendo chegar até em assassinato (GOMES, 2005), como estamos vendo ocorrer muito recentemente com negros em nosso país e no exterior como vimos no caso George Floyd³. Um exemplo de racismo

³ O caso George Floyd pode ser acessado no seguinte link: <https://www.google.com/amp/s/g1.globo.com/google/amp/mundo/noticia/2020/05/27/caso->

individual aqui no Brasil, ocorreu na cidade Santo Antônio do Amparo em Minas Gerais, uma jovem negra depois de ser eleita como a Rainha da Cidade, ouviu um comentário racista que se espalhou por grupos de WhatsApp da cidade; em que a agressora dizia que só é preciso pular em um tanque de creolina e ficar pretinha, para ganhar qualquer coisa. Outro caso que ganhou os noticiários foi do entregador do *iFood* em Valinhos, interior de São Paulo em um condomínio de classe alta; onde um homem branco “rico” ofendeu e humilhou o entregador, além de fazer gestos e afirmações racistas⁴.

Na forma institucional, o racismo ocorre com práticas discriminatórias sistemáticas infligidas pelo Estado ou com o apoio indireto dele (GOMES, 2005). Podemos observar essa forma de racismo, quando pessoas negras são isoladas em determinados bairros. Um exemplo são as favelas, escolas públicas presentes nesses tipos de bairros e empregos considerados inferiores como: as empregadas domésticas, gari, serviços gerais, babá, entre outros.

Além desses exemplos citados acima, também ocorre o racismo institucional, nos livros didáticos, com a ausência da história africana e da história positiva do povo negro no Brasil, com a presença de personagens negros retratados por imagens distorcida e estereotipada do povo negro que estão nesses livros. Também, através da mídia que retrata pessoas negras de maneiras indevidas e equivocadas, em propagandas, publicidades e principalmente nas novelas onde pessoas negras geralmente aparecem como bandidas ou empregadas domésticas (GOMES, 2005).

O racismo institucional está impedindo que mais mulheres negras professoras ocupem cargos de gestão, que cheguem às universidades, que sejam pesquisadoras da educação. Durante minha trajetória escolar posso contar em apenas uma das mãos quantas professoras negras já tive. E infelizmente não tive contato com nenhuma mulher negra que ocupasse algum posto importante dentro dessas escolas, ou seja, o racismo de uma forma institucional, estrutural, é o que tem impedido que essas mulheres cheguem a esses lugares (GOMES, 2005).

[george-floud-morte-de-homem-negro-filmado-com-policial-branco-com-joelhos-em-seu-pescoco-causa-indignação-nos-eua.ghtml](https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2021/06/20/ataques-racistas-sao-flagrados-pelo-pais-mas-denuncias-sao-registradas-como-calunia.ghtml)

⁴ O caso mencionado pode ser encontrado no seguinte link: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2021/06/20/ataques-racistas-sao-flagrados-pelo-pais-mas-denuncias-sao-registradas-como-calunia.ghtml>; <https://www.otempo.com.br/brasil/veja-cinco-casos-recentes-que-evidenciam-o-racismo-na-sociedade-brasileira-1.2369405>

Gomes (2005) nos ensina também que o preconceito é um pré-julgamento negativo dos membros de um grupo étnico-racial, religião ou de pessoas que ocupam algum papel social de grande relevância. A inflexibilidade é a característica principal deste pré-julgamento, pois tem a tendência de ser mantido sem levar em consideração fatos que o conteste. São os conceitos e as opiniões pré-formadas, sem autocontrole ou conhecimento dos fatos. Relação interpessoal, grupos humanos e a visão que a pessoa tem de si mesma e a que tem das outras, são incluídos no que se refere ao preconceito. E a palavra discriminar significa “distinguir”, “diferençar”, “discernir”. A prática do racismo e a concretização do preconceito pode ser considerado como discriminação racial. O racismo e o preconceito estão localizados na área das doutrinas e dos julgamentos, das concepções de mundo e das crenças, a discriminação é a legitimação de práticas que executam o racismo e o preconceito.

Ainda segundo a autora citada acima, é importante refletirmos no poder do mito da democracia racial para esconder o racismo no Brasil. O mito de que pessoas brancas e negras vivem bem e em harmonia no nosso país tenta negar a desigualdade racial entre brancos e negros no Brasil como consequência do racismo, reafirmando que não existe entre estes dois grupos étnicos-raciais uma situação de desigualdade de oportunidade e de tratamento. Ainda segundo ela, esse mito pretende, por um lado, manter estereótipos, preconceitos e discriminações construídas sobre os negros e negras, e já por outro lado, insiste em negar a discriminação racial sofrida por eles e elas.

Essa negação do peso do racismo está presente indiretamente nos estudos acadêmicos, existem diversas questões que não são analisadas de maneira satisfatória por não considerarem a raça. Uma delas é a identidade professora, a identidade docente. Para pensarmos o que é ser professora, não poderíamos deixar de lado as questões raciais e de gênero. As de gênero tem sido estudada, mas e as de raça?

A autora Gomes (2005) debate o conceito de identidade com o antropólogo congolês Munanga (1994). Presente em todas as sociedades humanas, a identidade faz parte da humanidade que sempre fez uma seleção através de um sistema de valores, ao qual se autodefine e define outros, seja por defesa grupal, proteção territorial contra inimigos externos, as manipulações de ideais por interesses econômicos, políticos, psicológicos, etc. A identidade

sempre tem uma relação entre o eu e o outro; normalmente, o que é meu é visto como identidade (positivo), e o que é do outro é retratado como diferença (negativo) (GOMES, 2005).

A identidade não nasce com o ser humano, ela é socialmente e culturalmente construída. Ela é um fator importante na criação das redes de relações e de referências culturais dos grupos sociais. Levando em conta os fatores que marcam as condições humanas, como os traços culturais que se expressam através de práticas linguística, festivas, rituais, comportamentos alimentares e tradições populares (GOMES, 2005). Portanto, a identidade é uma construção social e cultural, que sofre mudanças ao longo dos anos, e que muda de sociedade para sociedade. Ser mulher, ser homem, ser brasileira, ser negro, ser homossexual, nenhuma dessas categorias são naturais, e sim identidades, construções no plano da cultura que interpreta nossas características, seleciona essas características e define nossa identidade.

Gomes (2005) nos mostra também que a identidade é instituída quando há a reivindicação de visibilidade social por parte de um grupo, frente a um apagamento ou inferiorização. A identidade negra é um exemplo disso, na busca pela valorização da cultura africana e pela ancestralidade. Quando a identidade é reivindicada, é uma forma de resgatar o que foi historicamente perdido ou apagado.

A autora ainda reforça que temos múltiplas e diferentes identidades que nos constituem como sujeito. A identidade é plural, as pessoas não têm somente uma identidade específica, ninguém é apenas negro. Uma pessoa pode ser homem, mulher, negro, branco, rico, pobre, heterossexual, homossexual, cristão, não cristão. Isso foi importante para pensarmos nosso estudo, pois quando as identidades são vistas como separadas as mulheres negras ficam sem lugar, se fala muito de gênero para as brancas, sobre raça para os homens negros.

Ainda sobre a identidade, historicamente, nossa sociedade institui nos negros e negras, que para eles e elas fazerem parte da sociedade teriam que negar-se, ou seja, sua cultura negra, sua ancestralidade. Construir uma identidade negra positiva foi e continua sendo, um desafio enfrentado por nós continuamente (GOMES, 2005).

Em nosso estudo, consideramos como foi moldada a identidade da pedagoga. Nossa sociedade tem um modelo pré-definido do ser professora, mas

tem identidades que conflitam com esse modelo, o modelo é uma professora branca, cristã, heterossexual, talvez mãe. Uma professora negra, com o cabelo *blackpower* não é vista da mesma maneira, essa professora irá provocar questões de identidade e diferença, e não será acolhida da mesma maneira pela comunidade escolar. Por esses motivos construir uma identidade negra positiva é um desafio e como fica a identidade negra da professora? Como eu, Dayane, irei construir minha identidade de professora negra, com tantas expectativas da branquitude envolvidas nesse lugar de professora?

Depois dessa discussão sobre raça, vamos adentrar em um outro conceito importante nessa pesquisa, o gênero. Pois a população negra sofre racismo como um todo, mas o racismo tem um impacto diferente entre homens e mulheres negras, por esse motivo é preciso um olhar de gênero.

A mulher negra sofre diferentes preconceitos em relação aos homens negros. Para a mulher negra a discriminação racial se apresenta entrelaçada com o machismo e a construção da identidade negra feminina positiva é muito mais difícil, o que afeta diretamente a trajetória de professoras negras, foco central dessa pesquisa. Para compreender essas trajetórias entraremos nos estudos de gênero.

As autoras Da Silva, Machado e Costa (2021) nos trazem a definição de gênero a partir de Scott (1995), que define o termo gênero como uma construção cultural, que se refere às identidades subjetivas dos sujeitos e das sujeitas por meio da categoria social e histórica, envolvendo as relações de poder e que favorecem na definição de papéis sexuais que estão diretamente ligado a feminilidade e a masculinidade, que são normatizados e estabelecidos por diferentes instituições sociais, políticas, religiosas e educativas.

Os estudos de gênero integram a Teoria Feminista. O Feminismo é tanto uma teoria quanto um dos movimentos sociais e políticos mais importantes do século XX. Movimento por reivindicação aos direitos das mulheres, buscando a igualdade de direitos e oportunidades entre as pessoas (LINS, MACHADO E ESCOURA, 2016).

As questões de gênero, mesmo sem se chamar assim, passaram a ser estudadas e discutidas em três ondas do feminismo, como movimento social e posteriormente como campo de estudos. Essas três ondas tiveram duas precursoras europeias: Olympe de Gouges (1748-93) e Mary Wollstonecraft

(1759-97), na luta pelos direitos mais básicos das mulheres. A primeira onda ocorreu entre o final do século XIX e o início do XX, em que as mulheres europeias e estadunidenses da época estavam lutando pelo direito ao voto, a ter bens, a educação e ao fim dos casamentos arranjados. A segunda onda teve início na década de 1960 com forte atuação nos anos 1970, buscando a liberação feminina. Como na primeira onda elas já haviam conseguido alguma igualdade de direitos na lei, e estavam na segunda onda indo atrás de melhores condições de vida, de modo geral, e de oportunidade de trabalho para as mulheres. Já a terceira onda começou a partir do início da década de 1990 e estamos nela atualmente, essa onda está focada na maneira pelas quais o gênero atravessa com outros tipos de desigualdade.

Mesmo antes das ondas feministas, também, sempre esteve presente as reivindicações das mulheres negras e durante as ondas, o feminismo negro. Foram mulheres que chamavam a atenção para a pluralidade das formas de ser mulher, como Sojourner Truth (1797-1883) que evidenciou a diferença e desigualdade entre as próprias mulheres nos Estados Unidos.

O feminismo negro ganhou destaque nos anos 1970, passando a trazer o movimento feminista para as condições específicas das mulheres negras, que não estavam sendo consideradas anteriormente (LINS, MACHADO e ESCOURA, 2016). O feminismo negro é constituído a partir de sociedades como a nossa: sociedades multirraciais, pluriculturais e racistas, que tem o racismo e seu impacto sobre as relações de gênero, como seu principal eixo articulador, pois ele ainda determina as questões de gênero em nossa sociedade (CARNEIRO, 2003).

As autoras Da Silva, Machado e Costa (2021) nos apresenta o termo interseccionalidade por meio de Crenshaw (2002), que nos diz que, a interseccionalidade representa uma análise interpretativa, sendo levado em conta as discriminações raciais, de gênero e de classe, que são categorias que se entrecruzam o caminho das mulheres negras, e está presente nesse trabalho. Muitas autoras negras feministas afirmavam que as desigualdades se interseccionam, assim surgindo condições particulares de vulnerabilidade e desvantagem social. Nossa pesquisa está nesse viés, no cruzamento de raça e gênero, por estudarmos não somente as professoras, mas sim as professoras negras (LINS, MACHADO e ESCOURA, 2016).

Na nossa sociedade é considerado natural as práticas discriminatórias contra a população negra, por causa da influência histórica e social do sistema escravista, que está impregnado no nosso modo de pensar, ser e agir. Da Silva, Machado e Costa (2021) em diálogo com Mirza (1997), nos aponta que ao fazermos discussões apenas com foco nas questões raciais, sem a perspectiva da categoria gênero, não englobamos as especificidades das mulheres negras, e isso ocorre por causa das relações de opressão devido elas serem mulheres e negras. É preciso levarmos em conta que as discriminações raciais e de gênero atravessam cotidianamente o caminho dessas sujeitas, interferindo em suas vidas pessoais e profissionais (DA SILVA, MACHADO e COSTA, 2021).

Como teoria, os estudos feministas são interdisciplinares, estão em diversas áreas do conhecimento, inclusive nas áreas fora das ciências humanas (engenharia, matemática, biologia).

Nas universidades, o termo gênero passou a ser usado na década de 1970 por diversas estudiosas das mulheres de variadas áreas, como uma nova maneira para pensar as noções de feminino e masculino, para além da biologia; mas o termo se tornou conhecido mesmo na década de 1990, para se referir as questões ligadas às relações entre homens e mulheres inserida nas relações sociais de poder. Gênero passou a ser entendido como a interpretação cultural das diferenças sexuais, e uma interpretação construída por muitas sociedades que posicionam tudo que está relacionado ao feminino como inferior (LOURO, 1997a).

Esse conceito de gênero nasceu no contexto dos estudos acadêmicos feministas que abordam a condição feminina e a origem das desigualdades entre homens e mulheres. Pesquisadoras feministas começaram a pensar e se perguntar se a desigualdade de gênero era universal e se estava presente em todas as culturas conhecidas, em todos e qualquer tipo de contexto. O que elas perceberam e vem percebendo é que na prática há diversas formas de perceber o feminino e o masculino em diferentes culturas, momentos históricos, regiões e até mesmo em uma mesma sociedade. E que o gênero está atravessado por relações de poder e desigualdade. E essa desigualdade presente no passado de muitas sociedades continua viva até os dias de hoje (LINS, MACHADO e ESCOURA, 2016).

Para as autoras e o autor Lins, Machado e Escoura (2016), o termo desigualdade de gênero está se referindo as relações de poder, privilégio ou hierarquias sociais que foram sendo historicamente criadas a partir das diferenças reparadas nos corpos dos homens e das mulheres. Segundo Carneiro (2003), a desigualdade racial e de gênero, que era para ser considerada como história ou uma lembrança do período colonial, continua presente até hoje no imaginário social, somente se apresentar de novas formas; nossa sociedade se diz democrática, mas ainda segue as relações de gênero segundo o “padrão” de cor e/ou raça definidas no período da escravidão. As mulheres negras tiveram e ainda tem experiências de opressão totalmente diferente das mulheres brancas, e essa diferença não é reconhecida, a opressão sofrida pelas mulheres negras teve e ainda tem um grande efeito na construção da identidade feminina das mulheres negras, como abordaremos mais a fundo no próximo capítulo.

Conforme explicamos, os estudos de gênero estão em muitas áreas. Na Educação, a teoria feminista estuda temas variados: a profissão docente, o ser professora, trajetórias de professoras, o lugar da mulher na educação, o machismo no currículo e na linguagem escolar, a masculinidade e o fracasso escolar de meninos, a desigualdade nas relações docente-discente, a educação das meninas, etc. Mas quando se discute mulheres de modo universal, somente são levados em conta as mulheres brancas, as discriminações sofridas por elas em vários cenários. Quando se discute sobre a população negra, somente é levando em conta a categoria raça, e nós mulheres negras mais uma vez somos esquecidas, não é debatido amplamente a discriminação de gênero e racial sofrida pela mulher negra (DA SILVA, MACHADO e COSTA, 2021). Queremos com essa pesquisa dar foco a esse assunto tão importante.

A autora Nascimento (2012) nos mostra em sua pesquisa que quando combinamos raça e gênero, percebemos que as mulheres negras, que se encontram em situações de desvantagem em comparação aos homens brancos, às mulheres brancas e aos homens negros em diversos espaços, e principalmente em relação ao acesso a cargos de trabalho de valor social elevado, em que as remunerações são maiores. Da Silva, Machado e Costa (2021) também nos mostra essa mesma situação por de meio de Costa (1995), que os professores e professoras lecionam em instituições cercadas de burocracia e hierarquia. Nessas instituições estão repletas de estruturas de poder, que abrange diretamente as

questões de gênero, raça e classe. As mulheres estão tendo uma maior inserção nas primeiras etapas da educação básica, por ter semelhança com o papel de mãe, já em relação aos homens, eles estão ocupando as etapas finais da educação com cargos de salários mais altos do que das mulheres.

Segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT), as discriminações de gênero e raça atuam como elementos estruturantes dos padrões de desigualdade e exclusão social, que reflete diretamente no mercado de trabalho, onde as mulheres, principalmente as mulheres negras estão vivenciando as piores situações trabalhistas (NASCIMENTO, 2012).

Quando falamos de docência, existem dados que consideram o gênero e a raça e nos mostram que o perfil docente brasileiro da educação básica é feminino e branco (CARVALHO, 2018).

Carvalho (2018) organizou os dados do Censo da Educação Básica do ano 2017, e nos mostra que existe um maior número de mulheres em todas as etapas da educação básica. Do total de 2.078.910 dessa profissão, cerca de 1.683.772 são mulheres. A proporção entre mulheres e homens vai se alterando conforme avançam as etapas de ensino, na educação infantil temos cerca de 538.708 educadoras e 18.833 de educadores, nos anos iniciais do ensino fundamental cerca de 677.219 são professoras e 84.518 são professores, nos anos finais do ensino fundamental cerca de 527.146 são professoras e 237.585 são professores e no ensino médio cerca de 303.900 são professoras e 205.894 são professores, com esses números podemos observar a redução da quantidade de professoras nas últimas etapas da educação.

Já quando falamos de raça, com base também no Censo da Educação Básica do ano 2017, no Brasil, o número total de professores e professoras da educação básica era de 2.078.910. Deste total cerca de 4,1% se autodeclararam preto e 25,2% se autodeclararam pardo, um número muito inferior se comparado aos que se autodeclararam branco cerca de 42,0%. Os dados mais detalhados do estudo ainda revelam que os e as professoras negras se encontram em sua maioria na educação infantil, em relação as outras etapas (CARVALHO, 2018).

Este dado da maior presença de mulheres brancas na educação brasileira já havia sido discutido por Nascimento (2012) e Teixeira (2006) com dados mais antigos do perfil docente brasileiro. É possível, ao levar em conta a cor da pele, percebermos que há um aumento significativo de pessoas brancas nos níveis

elevados de ensino (Ensino Superior), e que as pessoas negras estão ocupando em um número maior nas etapas iniciais do sistema educacional, que são consideradas inferiores, que tem as menores remunerações e prestígio em relação ao ensino superior.

O ensino superior é um território dominado por homens brancos, nesse nível de ensino os homens brancos e mulheres brancas “encontram-se numa condição em torno de três vezes mais que os seus parceiros do mesmo sexo negros” (TEIXEIRA, 2006, p.29 apud NASCIMENTO, 2012, p. 43). No ensino superior o número de professores e professoras que se autodeclararam negros e negras é de 62.239 cerca de 16,4% do total, dentro dessa porcentagem 2% são negras e negros e 14,4% são pardas e pardos, é um número muito baixo em comparação aos professores e professoras brancas que chegam a 52,9% de acordo com o Portal Geledés a partir dos microdados do Inep de 2018.

Sobre as mulheres serem maioria esmagadora na educação básica nós conseguimos compreender com uma análise de gênero da feminização do magistério.

A industrialização que ocorreu no Brasil no início do século XX, criando novas oportunidades no mercado de trabalho para os homens, possibilitou a inserção das mulheres, de suma maioria brancas no magistério, por associarem à docência com os cuidados com as crianças, passando a se tornar uma “preparação” para a maternidade. O magistério, então, tornou-se a oportunidade da introdução das mulheres no mercado de trabalho e a sociedade passou a ver essa profissão como uma continuidade da vida doméstica feminina. Mas essa profissão beneficiou, em sua maioria, mulheres jovens, brancas e de classe média. Para as mulheres negras foi uma luta maior, com mais desafios que para as mulheres brancas; e até hoje ser uma professora negra é considerado um privilégio, pela dificuldade de ascensão profissional enfrentada por elas (LINS, MACHADO e ESCOURA, 2016).

Quando tratamos de gênero não visamos apenas a diferença, mas também a desigualdade que o acompanha. Isso significa que as mulheres e os homens não têm apenas papéis e identidades diferentes, mas sim que essas diferenças são transformadas em desigualdades, pois boa parte do que é considerado feminino e do “mundo das mulheres” tem menos valor em nossa sociedade. Um exemplo disso é o que aconteceu com a profissão docente quando

as mulheres se tornaram maioria. Com a feminização do magistério ocorreu a desvalorização da profissão docente acarretando no baixo salário por considerarem que essas mulheres não precisariam desse dinheiro, pois logo seriam sustentadas pelos maridos.

Essa forma de trabalho da mulher no início do século XX era visto como um “bico”, uma complementação da renda principal que era ou seria (quando se casassem) do marido (LOURO, 1997b). Que isso foi e é uma visão machista forte até os dias atuais, quando perguntam “você trabalha ou só dá aula?”, como se ser professora fosse algo temporário, uma coisa menor diante dos outros trabalhos. Mas as mulheres se desenvolveram na docência, especializaram-se e ainda estão se especializando, fizeram e estão fazendo pós-graduação, mestrado e doutorado, entretanto, o magistério foi e continua sendo acompanhado pelos preconceitos sociais de gênero. Portanto, a contínua desvalorização histórica de muitas profissões vistas como “femininas” é um reflexo da desigualdade de gênero (LINS, MACHADO e ESCOURA, 2016).

Carvalho (2018) tem a mesma explicação para os dados atuais da maior presença das mulheres na educação básica, ela explica com Fanfani (2007) que a feminização da profissão docente foi vista pela sociedade como um sinal de desvalorização social da profissão docente, pois em outras áreas profissionais o número elevado de homens é um sinal de valorização, dificultando a introdução de mulheres nessas profissões. Sendo assim, a profissão docente passou a ser vista como socialmente inferior, principalmente em comparação às profissões clássicas como medicina, engenharia e advocacia que têm um grande prestígio social. Com todo esse processo, a desvalorização seria uma das explicações do empobrecimento da profissão docente, acarretando na decadência dos salários e das condições de trabalho.

Já na questão racial, que explicaria o número alto de mulheres brancas na educação básica, em relação a mulheres negras, Carvalho (2018) a partir das reflexões de Gatti e Barretto (2009), aponta que a desigualdade de escolaridade entre pessoas pretas e pardas com relação às brancas, pode explicar o maior número de professoras negras na educação infantil em relação as etapas por ser uma etapa da educação que durante muito tempo exigia uma formação menos especializada. De modo geral, mulheres negras tem mais dificuldades para se tornarem professoras que as brancas, por isso estão em menor número.

Contudo, é importante destacarmos que nos últimos anos há um crescimento do número de professores negros e professoras negras na educação básica. Existem duas explicações para esse fenômeno: primeira, que isso ocorreu pelo fato de ter havido uma modificação da configuração social da população em geral; e segundo, que as políticas afirmativas do governo estão dando resultado, que essas ações estão estimulando a maioria da população a se reconhecer e se assumir como negra (CARVALHO, 2018).

Esse crescimento de professores negros e professoras negras é muito importante para a educação, principalmente para as crianças negras se sentirem representadas, ter contato com seu par de cor, poder ter aquele professor ou aquela professora como espelho. Em suas reflexões, Carvalho (2018) apresenta dados de outros estudos que verificaram que as relações docente-discente são diferentes quando ambas as pessoas pertencem à mesma origem étnico-racial, e nossos alunos negros e alunas negras precisam também ter a experiência dessa relação, de se verem, se enxergarem em suas professoras e professores.

4 TRAJETÓRIAS DE VIDA DE PROFESSORA NEGRAS

Neste capítulo analisaremos as narrativas escolhidas dos quatro trabalhos que melhor contemplaram a nossa pesquisa sobre trajetórias de professoras negras: questões raciais e de gênero. Conforme está descrito no capítulo metodológico, realizamos uma pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo e exploratório. Escolhemos quatro trabalhos, para que as narrativas contidas neles fossem analisadas de acordo com os objetivos de nossa pesquisa.

A primeira pesquisa escolhida por nós, é da autora Rosilda Campelo dos Santos, defendida em 2019, com o tema “Professoras negras: narrativas e memórias dos percursos escolares e de formação”, dissertação (Mestrado) apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica de Goiás. Teve por objetivo identificar a trajetória de vida das professoras negras, por meio de suas narrativas e memórias. A pesquisa foi de caráter qualitativo com base na história oral. O estudo foi realizado com quatro professoras negras da região de Goiânia entre 40 à 73 anos de idade, formadas em pedagogia e/ou magistério. A pesquisa se deu por meio de entrevistas, que possibilitou a pesquisadora privilegiar as vivências e trajetórias das professoras negras participantes da pesquisa. Como resultado de pesquisa a autora nos traz os desafios vividos pelas professoras negras, a importância desse objeto de estudo e a necessidade de ter mais estudos na área (SANTOS, 2019).

A segunda pesquisa escolhida é da autora Kelly da Silva, defendida em 2020, com o tema “Trajetórias de professoras negras: educação, gênero e raça”, tese (Doutorado) apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Teve por objetivo investigar as alunas cotista que se formaram em Pedagogia pela Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG - Belo Horizonte, como elas se constituíram professoras e como lidam com a interseccionalidade (gênero e raça) no ambiente escolar. A pesquisa tem caráter qualitativo, e teve como instrumento metodológico a análise documental e entrevistas semiestruturadas. O estudo foi realizado com cinco pedagogas negras ex-alunas cotistas da UEMG, com idade que variam de 32 a 47 anos. Como resultado de pesquisa a autora pode constatar, por meio das entrevistas, que essas professoras foram vítimas de violência, discriminação e

preconceito. Além disso, percebeu como foi importante as políticas de ações afirmativas no processo de formação delas e que, apesar de tudo, elas alcançaram o sucesso almejado (SILVA, 2020).

A terceira pesquisa por nós escolhida, é da autora Cleonice Ferreira do Nascimento, defendida em 2012, com o tema “Histórias de vida de professoras negras: trajetórias de sucesso”, dissertação (Mestrado) apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso. Teve por objetivo compreender a possível influência da cor e/ou da raça nas trajetórias docentes. A pesquisa tem caráter qualitativo, e teve como coleta de dados a história oral. O estudo foi realizado com doze professoras negras, especificamente com as que atuam nos anos iniciais do ensino fundamental, no Município de Várzea Grande/ MT, entre 30 à 60 anos de idade. Como resultado de pesquisa, a autora comprovou por meio das narrativas das participantes e dados teóricos, que a cor e a raça tiveram influência na trajetória escolar, acadêmica e profissional dessas mulheres; reafirmando que esses fatores ainda determinam status e o lugar das pessoas em nossa sociedade (NASCIMENTO, 2012).

A quarta pesquisa escolhida, é da autora Nilvaci Leite de Magalhães Moreira, defendida em 2013, com o tema “Trajetória de vida de professoras negras da baixada cuiabana/MT”, dissertação (Mestrado) apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso. Teve por objetivo investigar as trajetórias de vida de professoras negras que lecionam na rede pública de ensino de quatro Municípios da baixada cuiabana/MT, sendo eles: Cuiabá, Poconé, Nossa senhora do Livramento e Várzea Grande. A pesquisa tem caráter qualitativo, e como coleta de dados utilizou a história oral. O estudo foi realizado com vinte professoras negras, dentre elas: doze pedagogas, duas professoras de educação física, três professoras de geografia, duas professoras de letras e uma professora de biologia. Elas tinham entre 30 à 59 anos de idade. Para a nossa pesquisa levamos em conta somente as narrativas das professoras pedagogas. Como resultado de pesquisa, a autora conclui, que a formação continuada contribui, significativamente, na percepção das professoras sobre as questões raciais (MOREIRA, 2013).

Para construirmos nossa análise, realizamos uma leitura detalhada das narrativas presentes nos trabalhos, escolhemos as narrativas mais ricas que atendessem nossos objetivos de pesquisa. Em seguida, buscamos trabalhos e

realizamos leituras, para me fornecer suporte na análise dessas narrativas, além das leituras dos estudos raciais e dos estudos de gênero.

Dividimos as narrativas em três eixos de análise, sendo eles: 1- Experiências dos tempos de escola das professoras negras; 2- As motivações para entrada no magistério e os desafios para se formarem como professoras e 3- As vivências profissionais atuais: racismo, machismo e resistência.

4.1 Eixo de análise 1: Experiências dos tempos de escola das professoras negras

No primeiro eixo: Experiência dos tempos de escola das professoras negras, analisamos as narrativas que relataram as trajetórias escolares dessas mulheres, as dificuldades para conseguirem estudar, o racismo sofrido na escola pelos e pelas colegas de turma e principalmente pelas professoras e a importância do papel familiar nessa fase da vida delas, especialmente no enfrentamento do racismo.

“É um senso comum acreditar que nas escolas todos estejam usufruindo das mesmas oportunidades” (CAVALLEIRO, 2001, p. 143). Encontramos em três trabalhos, narrativas de professoras negras que relatam as dificuldades para permanecer na escola, por falta de condições das mães e pais, por elas precisarem trabalhar precocemente para ajudar a família ou simplesmente pela falta de oportunidade de estudarem em busca de uma vida melhor:

Minha trajetória escolar, iniciei, aos sete anos de idade, no antigo pré, lá na cidade de Senador Canedo. Essa primeira etapa do ensino fundamental foi tranquila, assim, embora, trago em minha memória, minhas situações assim, de constrangimento com colegas na escola, mas a minha trajetória escolar foi tranquila. Reprovi no terceiro (3º) ano desse ensino fundamental, e depois no oitavo (8º) ano do ensino médio eu reprovei novamente por questões de trabalho, eu já trabalhava em Goiânia como doméstica e estava num local muito complicado onde os patrões não tinham essa dimensão da importância dos estudos, e acabavam me explorando muito e eu acabava chegando muito atrasada e acabei reprovando no oitavo (8º) ano também, então eu tive duas reprovações ao longo da minha trajetória escolar (Mariele, entrevista realizada em 18 fev. 2019) (SANTOS, 2019, p. 50).

Elza: Meu primeiro emprego foi como babá, aos 9 anos, era responsável pela casa de uma mulher que trabalhava fora, eu cuidava da casa e da filha dela. Eu trabalhava pesado mesmo, esta pessoa me acolheu para dar casa, comida e ter como eu estudar, pois a escola era próxima do meu trabalho, ela me dava também o material escolar, mas eu não tinha salário, nem hora para parar. Eu trabalhei nesta casa dos 9 aos 14 anos (SILVA, 2020, p. 144).

[...] como nasci na zona rural, e antigamente não tinha ônibus, minha mãe tinha muitos filhos, não tinha muitas condições, não tinha escola perto, não tinha transporte para ir todo dia a Livramento, porque o mais perto era a cidade de Livramento. Portanto eu fiquei na casa de uma amiga da minha mãe, e lá eu fiz da 1ª série a 4ª série. Depois passei a morar com a minha irmã que havia casado. Morei lá até formar o magistério (Eva, N. S. Livramento) (MOREIRA, 2013, p. 86).

Nas duas primeiras narrativas as professoras relatam que tiveram que trabalhar como doméstica e como babá para ter a oportunidade de estudar, elas ainda eram crianças e já tinham responsabilidade de um emprego. No caso da Elza (SILVA, 2020) ela não tinha nem as condições básicas de trabalho como um salário, pois trabalhava para ter o que é um direito básico de uma criança: casa, comida e estudo, e esse trabalho muitas vezes acabava interferindo nos estudos dessas mulheres. Quando pensamos que essa situação ocorria isoladamente, a pesquisadora Silva (2020), nos traz que é comum situações como essa e que bastava nos deslocar a uma periferia ou ao interior que teríamos relatos semelhantes entre famílias negras, como comprovamos com as narrativas dos outros trabalhos. Então, crianças brancas e crianças negras não tiveram, historicamente, e não têm hoje a mesma oportunidade e condições de educação que o senso comum insiste em defender.

Segundo as autoras Crusoé, Moreira e Ramos (2014), a escola é uma instituição social, que é responsável pelo processo de socialização das crianças que atende. É no ambiente escolar que essas crianças têm contato com diferentes núcleos familiares, diferentes culturas, etnias entre outros aspectos. E para as crianças negras, especialmente meninas negras, a escola se torna o primeiro espaço de experiências preconceituosas e discriminatórias. A autora Gomes (1996), também nos traz que a escola não é neutra, pois todos os conflitos sociais e raciais estão presente em seu espaço. A escola é um ambiente onde convivem os conflitos e as contradições, por ser um espaço sociocultural:

Marielle: [...] Sempre sofri o que chamamos de bullying hoje, por causa da minha cor, mas eu sempre me defendi dentro da escola. Isso me

tornou forte, eu percebi que eu precisava ser atrevida para sobreviver e acabou dando certo. Muitas vezes, nós, crianças negras, quando reagimos às violências, éramos chamados de brigões, mentirosos, como se fôssemos nós que permitíssemos essas violências (SILVA, 2020, p. 133)

[...] na escola meus colegas me tratavam e tratavam meus irmãos como “negrinhos da senzala”, “cabeça podre de azeite”, eles cercavam a gente para bater [...] essas marcas a gente nunca apaga, a gente tenta apagar, mas não consegue (Joana, N. S. Livramento) (MOREIRA, 2013, p. 63).

No Brasil o preconceito racial, gira em torno das características físicas das pessoas, como o tom de pele, o formato do nariz e especialmente o cabelo. Na escola, várias crianças negras sofrem, constantemente, com xingamentos, apelidos pejorativos, pelo fato de as características físicas das pessoas negras serem consideradas “feias”, “desarrumadas” e “indesejadas”. E esse estereótipo é reforçado cotidianamente no ambiente escolar, por meio de “brincadeiras” e falta de uma educação antirracista (CRUSOÉ, MOREIRA E RAMOS 2014).

A autora Gomes (2002), em seu artigo “Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural?”, nos conta um pouco de sua pesquisa de doutorado em antropologia social com o tema: “Corpo e cabelo como ícones de construção da beleza e da identidade negra nos salões étnicos de Belo Horizonte”. Oportunidade em que ela ouviu relatos da história de vida de mulheres negras na faixa etária de 20 aos 60 anos. As entrevistadas contaram que um dos momentos mais marcantes de suas histórias de vida, foi a trajetória escolar. O ambiente escolar foi marcante no processo de construção da identidade negra dessas mulheres, mas infelizmente de uma forma negativa, reforçando estereótipos e representações negativas do povo negro. “O corpo surge, então, nesse contexto, como suporte da identidade negra, e o cabelo crespo como um forte ícone” (GOMES, 2002, p. 41).

O relato de Lélia, uma das entrevistadas de Silva (2020, p. 139) mostra os efeitos do racismo também nas famílias negras:

Lélia: Em relação aos colegas, tinha situações de perseguições, apelidos, devido aos meus aspectos físicos, boca, nariz. Minha família era muito influenciada pela questão do embranquecimento. Acho que era pela necessidade de serem aceitos pela sociedade, minha mãe ensinava-nos a fazer exercícios com o nariz para que ele afinasse e, mesmo com dificuldades financeiras, passando aperto, meu pai

pagava para nos manter com cabelos lisos, levava no salão para relaxar os fios, abaixar volume (SILVA, 2020, p. 139).

A trajetória escolar tem um enorme peso na formação da identidade negra, dos sentimentos e das impressões sobre o cabelo crespo na vida de mulheres negras. A escola e a nossa sociedade transmitem a todo momento opiniões, estereótipos e impressões sobre o corpo negro, o cabelo crespo e esses padrões estéticos deixam marcas irreparável na vida dessas mulheres (GOMES, 2002).

Como podemos constatar na fala de Ana Lúcia, entrevistada por Moreira (2013), na qual ela relata que por ter sofrido muito com seu cabelo crespo na escola, onde os e as colegas espetavam carrapichos em seus cabelos durante o recreio e na hora de ir embora. Ela, hoje adulta, prefere manter seus cabelos curtos, por essa situação ter marcado sua vida. Relatos como esses são comuns entre mulheres negras, situações de sofrimento, racismo e preconceito com seus cabelos no espaço escolar, muitas mulheres negras e homens negros decidiram não assumir suas característica negra por essas questões, optaram por cortar, alisar e rejeitar seus cabelos negros. De acordo com Gomes (2002), o cabelo tem sido um dos principais marcos do lugar do sujeito negro no sistema de classificação racial desde do período escravista.

“O fato de uma criança perceber a escola como ambiente hostil, estranho, não seu, traz sérias consequências para seu desempenho e sua permanência na escola” (SANTANA, 2011, p. 77). O papel da família da criança negra é muito importante nesse momento, na construção da identidade negra positiva, na influência positiva para aquela criança, na sua aceitação como um sujeito negro, no empoderamento feminino, mas muitas famílias negras não têm condições para desenvolver esse papel como vimos na narrativa da Lelia (SILVA, 2020) apresentada acima, em que a família dela era fortemente influenciada pela questão do embranquecimento. Por outro lado, não é incomum a família tentar ocultar o racismo, como forma de proteção:

[...] a cápsula protetora aparece como uma constante, retardando por maior tempo possível o aparecimento do problema racial, que vai trazer sempre decepções e choques que podem, em maior ou menor medida, influir decisivamente nas relações com brancos e negros (BARBOSA, 1987, p. 54 apud SANTANA, 2011, p. 80).

Contudo, podemos observar também nas narrativas a seguir, que muitas famílias incentivam os filhos e filhas a não se abaterem com o preconceito e discriminações sofridos na escola, explicam qual a importância dos estudos para que elas pudessem ter uma vida melhor:

Na escola, eu era chamada de Anastácia, porque, além de ser negra, eu era gorda. Eu sofria e não queria ir mais à escola. Eu falava pra minha mãe que eu não queria ir. Mas a minha mãe conversava muito com a gente sobre isso. Ela não desanimava a gente não. Então ela sempre falava isso pra gente, não é porque nós éramos negros, que a gente não tinha o direito de sonhar e de ser aquilo que sonhou. Sofri sim como qualquer criança negra sofreu na escola. Aliás, isso dava até mais força pra eu continuar os estudos (Professora Elisa) (NASCIMENTO, 2012, p. 46).

[...] eu falava para a minha mãe sobre a discriminação que eu sofria e dizia que não queria mais estudar. “Mas ela falava: – ‘não filha’, a vida é assim mesmo, como que nós vamos mudar nossa cor! Não tem como mudar nossa cor, nós temos é que enfrentar esse povo! ‘Eu não posso deixar você sem estudar, porque eu já fui tirada da escola’. ‘Não posso fazer isso’, Falei para ela que chorava na sala. Ela me falava: – Pra que chorar? Você ‘não precisa chorar, chorar não vai mudar de cor, brigar não vai mudar de cor, então nós temos que enfrentar o povo’ (Amália, Cuiabá) (MOREIRA, 2013, p. 86).

Sempre, sempre, sempre! Você é capaz! Meu avô principalmente, o pai da minha mãe por que ele é do Triângulo Mineiro e mineiro ele não baixa muito a cabeça e ele sempre colocava pra mim, você não é menor do que ninguém, você pode até ser igual, melhor não! Nem pior nem melhor, cada um tem a sua qualidade o seu valor. Pode não ser igual um ao outro, mas, você tem o seu valor! Porque você é capaz! Você vai aprender! Meu avô sempre falava isso pra gente. Quando a gente estava estudando uma lição que era mais difícil ele sempre falava você vai conseguir e a gente acabava conseguindo (Joana, entrevista realizada em 28 fev. 2019) (SANTOS, 2019, p. 64).

Como pudemos ver através das narrativas acima, as famílias das professoras negras não estimulam seus filhos e filhas a aceitar o racismo, a abandonar os estudos, pelo contrário, a enfrentar e buscar seus sonhos. Esse apoio é muito importante. Mas não podemos dizer o mesmo dos professores e professoras, alguns e algumas além de estimular o racismo acabam sendo a pessoa agressora, os e as responsáveis diretos do racismo. A relação educadores e educadoras com seus educandos e educandas estão impregnada de racismo, de discriminação racial e de gênero, pois esses elementos fazem parte da cultura e da estrutura da sociedade brasileira, e estão presentes no ambiente escolar

(GOMES, 1996). Isso nós também pudemos ver nas narrativas das pesquisas selecionadas:

[...] lembro que quando eu estudava na roça, eu tinha meus 7 para 8 anos, então a gente pegava água muito longe, num poço, pra fazer um leite, que vinha num pacotão, leite em pó. Então na escola pra buscar a água, era só Ana que buscava. Só que eu não entendia. Era só eu, meus irmãos e mais duas pessoas negras que buscava. Os branquinhos mesmo queriam só tomar o leite. E era longe pra buscar a água, era muito longe mesmo. Trazíamos água na cabeça, ajudava a professora a fazer o leite, e aí na hora de tomar o leite, eu nunca esqueci isso... a gente buscava água e era o último a tomar o leite, isso se sobrar. Eu nunca me esqueço disso. Eu chorei várias vezes, porque, poxa, eu busquei água, ajudei a fazer o leite e agora vou tomar só um pouquinho. Cansei de chorar reclamar. Isso me marcou bastante (Ana Lúcia, Cuiabá) (MOREIRA, 2013, p. 66).

[...] quando eu estudava no ginásio sofri uma discriminação pela minha professora. Assim, em todas as salas de lá só tinha eu de negra, sabe. Eu morria de vergonha, quase não falava na sala. Aí, todo mundo ia pra fila pra corrigir o caderno, e eu ficava lá sentada. A professora falava bem assim: “Ô negra! Você não vai pra fila pra corrigir seu caderno?” Eu ficava assim... (expressou que ficava ressentida com o jeito de falar da professora). Eu levantava e ficava no último da fila. A professora corrigia o caderno e falava: “esse caderno está sujo igual porco, você estava no chiqueiro?”. Eu fazia a tarefa na roça, depois que socava arroz (Amália, Cuiabá) (MOREIRA, 2013, p. 66).

A narrativa da Ana Lúcia (MOREIRA, 2013) é muito marcante, dolorida e revela uma atitude docente desumana, imaginar como várias meninas negras sofreram e sofrem esse tipo de violência no espaço escolar, ser tratada como inferior pelo simples fato da cor de sua pele ser diferente das outras crianças, se transformar em “merendeira”, a dificuldade de ter que buscar a água, transportá-la na cabeça para no final ter direito de tomar o leite somente se sobrar, é um dos relatos mais impactante, triste e de uma realidade revoltante que tivemos acesso durante nossa pesquisa.

Chegamos a pensar que essa situação somente ocorria antigamente, mas o racismo escolar ainda existe, mudou de forma a partir das conquistas do movimento negro, das políticas públicas e com a Lei nº 10.639/03, que não permitem que as crianças, hoje, sejam tratadas como no caso apresentado e estabelece o ensino obrigatório da História e Cultura Africana e Afro-Brasileira.

Contudo, o racismo ainda existe, tivemos o caso de um adolescente negro, que foi vítima de racismo pelos próprios colegas de turma, por meio de um

aplicativo de mensagens em Belo Horizonte, uma das mensagens dizia: “saudades de quando preto era escravo”⁵ esse caso ocorreu em dezembro de 2021; outro caso que também ocorre na mesma data, foi de uma adolescente negra que ouviu de sua professora que ela deveria arrumar e alisar seus cabelos se quisesse ficar bonita, pois seus cabelos eram feios e não combinavam com seus olhos verdes⁶, esses dois casos nos indicam que o racismo se faz presentes no cotidiano escolar, as vezes mais velado do que o narrado pela professora negra.

Sobre o relato de Amália (MOREIRA, 2013), podemos observar a insensibilidade, ausência de empatia e conhecimento das condições de vida dessa criança por parte da professora, as dificuldades enfrentadas por ela para estudar em casa, além disso, a professora associa essa criança negra a sujeira, em muitos casos de racismo a sujeira parece como sinônimo de negro. Para Silva (2020), o imaginário social determina que a população negra é violenta, que somos criminosos e sujo. A cor de nossa pele foi e continua sendo vista como um indício de escuridão, animalidade e sujeira (SILVA, 2013). O autor Munanga (2008) tem uma explicação para isso, que

[...] no pensamento dos racistas, a cor preta é tida como uma essência que escurece, tingindo negativamente a mente, o espírito, as qualidades morais, intelectuais e estéticas das populações não brancas, em especial as negras (MUNANGA, 2008, p. 15 apud SILVA, 2013, p. 62).

Voltando a relatos que trazem o racismo na escola, a autora Patrícia Santana (2011) em seu livro: “Professoras negras: trajetórias e travessias”, traz em suas considerações finais outro relato forte de violência contra a criança negra,

Da escola vinham notícias, trazidas por minha irmã mais velha, de racismos manifestos por uma dita professora Alexina, que reprovava todos os alunos negros, e que, em um de seus momentos de fúria, havia batido a cabeça de um aluno negro na parede (SANTANA, 2011, p. 142)

⁵ O caso mencionado pode ser encontrado no seguinte link: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2021/12/20/saudades-de-quando-preto-era-escravo-aluno-e-vitima-de-racismo-em-escola-de-belo-horizonte.ghml>

⁶ O caso mencionado pode ser encontrado no seguinte link: <https://ponte.org/aluna-de-escola-estadual-e-vitima-de-comentarios-racistas-de-professora>

“O professor, figura importantíssima na educação do aluno, atua como mediador no processo ideológico, possibilita a desmistificação dos estereótipos e preconceitos na sala de aula” (CRUSOE, MOREIRA e RAMOS, 2014, p. 196). Mas infelizmente alguns e algumas professoras e professores além de não praticar os elementos citados acima, acabam demonstrando suas preferências por alunos e alunas brancas:

Sim! Principalmente no prezinho, no prezinho, eu lembro! Minha professora era a professora que eu mais gostava Bernardina eu sentia que ela tinha preferência pelas outras meninas, mas sabe assim criança quando você gosta não importa! Eu sentia que ela tinha um certo asco... Te abraçava mas não queria te abraçar! Mas eu gostava dela! E até hoje eu lembro dela. É aquela questão você não tinha maldade no seu coração! E até hoje eu lembro dela, mas eu lembro também, eu tinha seis anos e lembro que tinha diferença (Josefa, entrevista realizada em 26 fev. 2019) (SANTOS, 2019, p. 82).

Sim. Tinham as preferências né! As mais arrumadinhas, as limpinhas, caderninho limpo, que eu acho que o meu caderno também era um desleixo, aquele caderno bem. (...) (Mariele, entrevista realizada em 18 fev. 2019) (SANTOS, 2019, p. 83).

Elza: [...] Quando entrei nesta escola em Montes Claros, eu estava atrasada, então, a professora não gostou da redação, bateu com a régua de madeira na minha mão, amassou minha redação e me humilhou. Eu estava na frente da sala para ler a redação e foi muito triste, os demais alunos rindo. Então, hoje, mesmo sendo professora, eu ainda travo para escrever algo. Eu fui aprendendo a lidar com isso e fui melhorando a cada dia, sempre lembrando que não posso refletir isso nos meus alunos. Eu sempre penso que na história há pessoas da minha raça que passaram por traumas maiores e estão bem, então, eu também consigo superar (SILVA, 2020, p.165).

Os relatos se aproximam muito dos dados levantados pela pesquisadora negra Cavalleiro (2010), que em seu livro: “Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil”, relata que durante uma de suas observações em uma instituição escolar, pôde constatar diferença dos elogios recebidos da professora, entre crianças negras e crianças brancas. A autora observou que para as crianças brancas a professora tecia elogios para a criança como: “Você é maravilhosa. Parabéns!”, “Você é muito inteligente!” e “Está bonito, menino sabido!” (p.77); já a criança negra o elogio é dirigido para a tarefa “Está bonita a sua lição!”, “Isso. Está certo!” e “Está bonita!” (p.78). A criança negra percebe a diferença e fica esperando a professora elogiá-la:

A menina Denise (negra) leva a sua atividade para ser avaliada pela professora, que lhe diz: “Isso. Está certo!”. A menina volta para a sua cadeira. Depois de cinco minutos, a menina se dirige novamente até a professora para mostrar-lhe a sua lição. A professora diz: “Está bonita!”. A menina sorri e volta para o seu lugar. Mais uma vez a menina caminha até a mesa da professora, que lhe diz: “Já disse que está bonita!”. A menina volta para a sua cadeira (CAVALLEIRO, 2010, p. 78).

O relato e a análise de Cavalleiro (2010) nos permite pensar em como o racismo aparece nos detalhes, em um comentário, em uma atitude impensada talvez até sem reflexão, sem se dar conta, a professora não doa, espontaneamente, os elogios, o afago à criança negra, mas sim a produção (tarefa) dela.

Vários professores e professoras tem uma menor expectativa com relação as crianças negras, pelo imaginário social que foi construído depois da escravidão, que o sujeito negro é incapaz, inferior entre outros estereótipos. Tem o caso de uma professora que revelou que se assustou ao assumir uma turma “cheia de meninos... e “tudo” assim... escuros... negros” (CAVALLEIRO, 2001, p. 104), ela imaginou que “esses alunos” seriam indisciplinados, mas no final ela descobriu que a turma era “ótima, de excelentes alunos... educados e estudiosos!” (CAVALLEIRO, 2001, p. 104). Também temos falas que mostram essa surpresa com o potencial das meninas negras: “[...] esta aluna é negra, mas é inteligente” (GOMES, 1999, p. 56 apud TELLES et al, 2019, p. 46). Não é a cor da pele que vai definir se o aluno ou aluna é educada, estudiosa, se vai “dar trabalho” para a professora, se é inteligente ou dedicado, todavia, ainda hoje em nossa sociedade as crianças negras carregam esses tipos de estereótipos. Nossas escolas nesse momento necessitam de uma educação antirracista e antimachista, mais representação do povo negro no espaço escolar, uma modificação do sujeito negro nos livros didáticos.

“No cotidiano escolar, a educação antirracista visa à erradicação do preconceito, das discriminações e de tratamentos diferenciados” (CAVALLEIRO, 2001, p. 150). Com esse tipo de educação em nossas escolas, combateríamos representações negativas e ideias preconcebidas das pessoas negras em vários espaços e situações, que necessitam urgentemente serem criticados e excluídos

(CAVALLEIRO, 2001). Isso porque o não enfrentamento do racismo que está na escola pode gerar nas crianças a ideia de que o racismo é aceitável:

o silêncio permanente das professoras a respeito das diferenças étnicas no espaço escolar, somado ao das crianças negras, parece conferir aos alunos brancos o direito de reproduzir seus comportamentos, pois não são criticados ou denunciados, podendo utilizar essa estratégia como trunfo em qualquer situação de conflito (CAVALLEIRO, 2000, p. 54 apud SANTANA, 2011, p. 78).

Nós educadores e educadoras, precisamos fazer nossa parte para contribuir na realização dessa nova perspectiva de educação, “Ou nós educadores realizamos esse trabalho ou atuamos a favor da disseminação dos preconceitos” (CAVALLEIRO, 2001, p. 151). Não existe neutralidade nessas situações ou você é um combatente do racismo ou conivente com ele. Além disso, é preciso que os e as profissionais da educação saiam capacitadas para exercer essa educação antirracista e antimachista dos seus processos de formação, que professores e professoras tenham conhecimento para abordar em sala de aula conteúdos como: relações étnico-raciais, gênero, o multiculturalismo, a história e cultura africana positiva e acima de tudo não tenham mais atitudes racistas e machistas com nossas crianças.

4.2 Eixo de análise 2: As motivações para entrada no magistério e os desafios para se formarem como professoras

No segundo eixo: As motivações para entrada no magistério e os desafios para se formarem como professoras, analisamos as narrativas das mulheres negras que mostram os motivos delas escolherem o magistério: questões socioeconômicas, única oferta disponível, ascensão social ou desejo próprio. Também buscamos identificar as dificuldades que enfrentaram para se tornarem professoras e principalmente se vivenciaram o racismo, o machismo e a discriminação durante suas trajetórias acadêmicas.

Como apresentado no capítulo anterior, a inserção das mulheres na docência ocorreu por meio da feminização do magistério. Mas as mulheres negras, não ingressaram, simultaneamente, com as mulheres brancas, elas foram rejeitadas do processo de ascensão à docência, por suas condições de mulheres

negras, que naquela época como continua sendo até hoje, a população negra é cercada de estereótipos e concepções racistas, principalmente colocando o negro e negra como incompetentes (SILVA, 2004).

Segundo Silva (2004) em seu texto: “Mulheres negras professoras em Araraquara-SP”, ela faz uma breve discussão sobre a feminização do magistério explica que a profissão docente, em diversos lugares do mundo, foi inicialmente ocupada por homens, mas com o decorrer das mudanças na estrutura do mercado de trabalho, novas oportunidades e melhores condições de salários os homens migraram para outras áreas de atuação. Com a entrada das mulheres no magistério alguns homens não saíram totalmente. Eles passaram a ocupar posições de poder dentro dos sistemas de ensino. O espaço de poder na educação, na gestão da educação para as mulheres foi e continua sendo uma ocupação que elas alcançam com muitos enfrentamentos cotidianos.

Nesse processo de feminização do magistério, a mulher passou a assumir a função de cuidar e educar crianças, como um prolongamento de sua condição de mulher, nessa época ser professora representava:

um prolongamento das funções domésticas e instruir e educar crianças, sob o mascaramento da missão e da vocação inerentes às mulheres, significava uma maneira aceitável de sobrevivência, na qual a conotação negativa com o trabalho remunerado feminino esvaía-se perante a nobreza do magistério (ALMEIDA, 1996, p. 706 apud SILVA, 2004, p. 44).

Como apontado anteriormente, a entrada das mulheres no magistério não ocorreu igualmente para todas. Inicialmente eram preferidas as mulheres brancas com aspectos físicos e psicológicos tidos como “saudáveis”, ou seja mulheres brancas, honestas e “intocadas”. Somente com a expansão do sistema de ensino brasileiro e por consequência, o aumento do número de professores e professoras, que ocorreu a partir da década de 30 por meio das reformas educacionais do Estado Novo, na década de 50 e 60 com a ampliação dos cursos normais para o período noturno e nos anos 70 com a criação dos cursos de formação de professores e professoras no 2º grau, que houve a inserção de algumas mulheres negras na docência. Número este que foi aumentando, gradativamente, com o passar do tempo (SILVA, 2004).

E esse aumento, das mulheres negras na docência, não foi bem recebido pela sociedade brasileira. De acordo com Silva (2004) que traz a visão da autora Gláucia Romualdo dos Santos (2000), apesar das mulheres negras conseguirem entrar na profissão docente, no imaginário preconceituoso da sociedade esse fenômeno ocorreu devido à queda da qualidade de ensino dos cursos normais. Também pensavam que essa queda da qualidade do curso normal teria sido acarretada pelo “baixo nível intelectual da clientela”, ou seja, das mulheres negras.

A autora Gomes (1996), já realizou pesquisa em uma escola pública da cidade de Belo Horizonte entre os anos de 1992 e 1993, com o objetivo de investigar como o contexto escolar de mulheres negras contribuiu para a reprodução do preconceito e da discriminação racial e de gênero, e como essas vivências interferiu em suas práticas pedagógicas. Durante sua pesquisa, a autora pode constatar, por meio dos depoimentos, que essas professoras não apresentam “uma reflexão histórico-política sobre o significado do ser professora na história da mulher negra brasileira” (p.79). Mas ao analisar a fundo os depoimentos, os motivos que levaram essas mulheres a se tornarem professoras, a autora percebeu que a escola representava um processo de rompimento de um histórico de exclusão. A autora chegou aos seguintes resultados:

A chegada ao magistério para a jovem negra é a culminação de múltiplas rupturas e afirmações: a luta pela continuidade dos estudos – um fato que até hoje se coloca como um complicador na história das mulheres; a busca de uma profissão com uma formação escolar que lhe garanta um espaço no mercado de trabalho; a perspectiva de atuar em uma profissão que lhe possibilite um outro espaço de tempo para se dedicar a outro emprego ou que lhe permita conciliá-lo com as atividades domésticas (GOMES, 1996, p.79).

Por meio dessa pesquisa, pudemos compreender que as motivações para a escolha da profissão docente entre mulheres negras, tiveram algumas pequenas mudanças, mas continuam basicamente as mesmas. No trabalho de Santos (2019), a pesquisadora pergunta diretamente, se suas entrevistadas escolheram ser professoras por desejo ou necessidade, três das professoras responderam que foi por desejo e uma professora respondeu que foi pelos dois motivos.

Os dois! Foi os dois! Eu vejo desejo quarenta por cento sessenta por cento necessidades. [...] Hoje eu não me vejo em outra profissão, pra mim não tem outra profissão pra combater o que eu vi o que eu vejo! O que eu vejo na educação infantil, me ajuda quando a gente [...] em

planejamento, quando eu to em sala de aula, quando [...]. Josefa, entrevista realizada em 26 fev. 2019) (SANTOS, 2019, p. 33).

Eu penso que foi um desejo, que desde pequenininha eu achava assim legal ser professora entendeu? Tinha assim não que eu tivesse referencial, mas, eu tinha assim, nossa deve ser muito legal ser professora né! Já admirava! [...]. (Mariele, entrevista realizada em 21 fev. 2019) (SANTOS, 2019, p. 33).

Nos outros três trabalhos (SILVA, 2020), (NASCIMENTO, 2012) e (MOREIRA, 2013), as pesquisadoras também perguntaram de acordo com seus objetivos de pesquisa, a motivação da escolha pela docência. E as narrativas apresentaram diversos motivos para as escolhas, entre eles: por desejo, necessidade, exigência da família, influência de professoras que algumas delas encontraram em suas trajetórias escolares, influência de outras mulheres da família que atuavam na docência, um desejo desde a infância, por achar que tinham “jeito com crianças”, por acreditar que não conseguiram se formar em outra profissão, por considerar que a pedagogia é um curso mais acessível e com maiores oportunidades de trabalho, etc. Vejamos:

Lélia: Na UFMG eu tinha interesse pela Medicina Veterinária, na UEMG eu vislumbrava outras possibilidades também, como o Design, a princípio a Pedagogia não era uma opção. Brinco que a Pedagogia me escolheu. Eu escolhi a UEMG devido à influência da minha irmã mais nova, ela já sabia da Instituição (SILVA, 2020, p.157).

[...] eu fiz pedagogia por falta de opção, era o que estava mais próximo da minha realidade. Eu sonhava assim com algo mais... que lidava com o público também, mas que não fosse na área de educação (Professora Claudia) (NASCIMENTO, 2012, p. 62).

Porque, foi mais difícil. Só tinha na Universidade Federal. Daí eu prestei vestibular e não passei. E o tempo foi passando, aí eu preferi fazer o que estava mais perto da realidade, porque o curso era mais barato e também porque conseguia o emprego mais rápido. O professor é muito difícil ficar sem emprego. Então era a visão do emprego mesmo. Não é nada assim só para ter um curso superior, ou ser apresentável (Professora Claudia) (NASCIMENTO, 2012, p. 62).

[...] No ensino médio fiz o magistério. Não fiz por opção, fiz obrigada. Na época meu pai me obrigou a fazer magistério, na verdade queria fazer contabilidade, mas havia horário somente a noite e meu pai não aceitava a gente estudar a noite. Ele achava que iríamos namorar (Lídia, Poconé) (MOREIRA, 2013, p. 73).

[...] fiz o magistério, e inicialmente por questão de sobrevivência, comecei a trabalhar, amei! Tanto é que não saí mais. Fiz o magistério e isso me seguiu no campo da educação. [...] era como o meu pai

dizia, eu estava estudando pra ter um emprego bom (Olga, Várzea Grande) (MOREIRA, 2013, p. 74).

[...] era um dom que eu já tinha. Desde criança eu já ficava brincando de professora com outras crianças, e isso me acompanhou na adolescência que também brincava de dar aulas para a criançada. Eu tinha duas tias que eram professoras e eu as via dando aula na frente do quadro, escrevendo com o giz, achava tão bonito, então eu queria muito ser como as minhas tias, ser professora. Foi aí que corri atrás e consegui ser professora, uma profissão que eu gosto muito. (Vera, Várzea Grande) (MOREIRA, 2013, p. 75).

[...] Primeiramente aqui em Livramento tinha duas opções: ou você fazia técnico em contabilidade ou magistério. Eu optei pelo magistério porque a minha avó era professora, a minha mãe era professora, então quando comecei a estudar, fui gostando da profissão e aperfeiçoando, porque é através da educação a gente pode transformar o meio em que vive, pode estar colocando a nossa história de outra maneira para os nossos alunos e para a própria sociedade, logo engajei no movimento e aí eu continuei. (Leda N. S. Livramento) (MOREIRA, 2013, p. 76).

[...] eu fiz o primeiro ano de contabilidade, mas não quis mais. Aí sai da casa dela. Fiz o magistério no Ferreira Mendes (escola) em 1981. [...] não sei se foi influência mais da minha professora, você sabe que a professora exerce alguma influência sobre os alunos, devo ter encantada pelo jeito que ela me tratava, pelo carinho que recebia do jeito que ela ia visitar. [...] então devo ter apaixonado por isso, coisa de criança (Ana Lúcia, Cuiabá) (MOREIRA, 2013, p. 73)

Então, podemos ver na maioria dos relatos acima que não é uma escolha propriamente dita, mas um encaminhamento muito influenciado pela questão de classe social, desigualdade racial e de gênero.

A autora Santana (2011) também constatou em sua pesquisa, que a decisão pelo magistério não foi considerada uma escolha por suas entrevistadas e seu entrevistado, pois em seus depoimentos não demonstram que queriam se tornarem professoras e professor. A docência surgiu para elas e ele como uma consequência de suas trajetórias escolares, de vida e profissionais.

Em meu caso, não sou exceção do que mostram os dados de pesquisa deste TCC. Também escolhi a pedagogia por motivos parecidos com as narrativas apresentadas acima, por ter uma instituição pública que oferecia o curso perto da minha casa, por não me apresentar grandes custos financeiros durante o processo de formação e por melhores chances no mercado de trabalho. Outros motivos foram almejar que esse curso me proporcionasse um trabalho melhor do que de outras mulheres da minha família, que me permitisse uma estabilidade

financeira por meio de um concurso público e pela possibilidade ter tempo para uma futura família, trabalhando meio período.

Em seu artigo, Costa e Gregório (2018) apresentam o depoimento da professora Ayo. Ela relata que o magistério não foi uma escolha, e sim uma imposição que ela sentiu por ser uma “mulher negra humilde”, que não teria outro lugar para ela, ao não ser empregada doméstica ou ser tornar professora. Durante muito tempo o magistério foi considerado a única profissão respeitável para as mulheres brancas, e que podia oferecer algum tipo de ascensão social para as mulheres negras.

Gomes (1995) em seu livro “A mulher negra que vi de perto”, analisa que quando uma mulher negra se forma professora, ela deixa o “lugar” que foi imposto a ela pela sociedade (SILVA, 2004). Abandona o lugar de doméstica, de faxineira, de empregos considerados inferiores, e passa a exercer uma função que, “por mais questionada que seja, ainda é vista como possuidora de status social e está relacionada a um importante instrumento: o saber formal” (GOMES, 1995, p.28 apud SILVA, 2004, p.47).

Gomes (1996) reafirma, através de seu texto: “Educação, raça e gênero: relações imersas na alteridade”, que o fato de mulheres negras se tornarem professoras, é uma saída do lugar que a sociedade predeterminou para elas, lugares como doméstica, serviços gerais, babá entre outros. Para as mulheres negras, a partir do século XX, se tornarem professoras era uma ascensão social e ter status, e esse cenário da época não mudou drasticamente até o momento atual, se tornar uma professora sendo uma mulher negra ainda é uma forma de conquista para várias mulheres.

Nos trabalhos por nós pesquisados encontramos narrativas de professoras que viam no magistério uma forma de ascender socialmente:

[...] sempre, sonhando em ter uma carreira, ser diferente daquela vida das mulheres daquela cidade, principalmente da minha mãe, que não era uma mulher negra, mas era uma mulher submissa, e não era essa vida que eu queria pra mim, aí eu finalizei a primeira fase, segunda fase do ensino fundamental e resolvi ir pra Belo Horizonte que era onde as oportunidades lá em Belo Horizonte eram maiores, chegando lá não tinha outro jeito, porque meu sonho era fazer psicologia, mas meus pais não tinham condições, mais eles tinham condições de me manter fazendo o segundo grau (Josefa entrevista realizada em 26 fev. 2019) (SANTOS, 2019, p. 53).

Eu fiz Magistério e Pedagogia por necessidade. Porque eu tinha que ter uma profissão e naquela época a profissão que estava mais fácil para mulher, era a profissão de professora, porque ela era a mais aceita no mercado de trabalho. Mulher negra, estou falando da mulher negra. Eu pensava assim: para fazer outro curso – o de advogado – eu vou ter muito mais dificuldade. Eu não queria ser doméstica. Eu vi que a Pedagogia estava abrindo alas, então eu fui para Pedagogia. Eu não tinha aquela história de que queria eternamente ser doméstica. [...] quando cresci eu não trabalhei de doméstica. Eu queria uma coisa melhor. [...] eu queria ocupar outro espaço e para eu conquistar outro espaço como mulher e ainda negra, eu preferi a Pedagogia [...]. Eu não fiz Pedagogia por opção. Porque se eu pudesse, na época, eu ia fazer Direito. Eu queria ser advogada. Mas eu não pude porque eu sabia que não ia chegar lá. A gente tem que ter visão de contexto. Eu sei onde piso e onde há possibilidade para eu chegar (Professora Angélica) (NASCIMENTO, 2012, p. 61).

A narrativa da professora Angélica (NASCIMENTO, 2012) é muito triste, desistir de um sonho por achar que não conseguiria, por entenderem que o “espaço” do Direito não é lugar para ela. Essa professora queria fugir do lugar reservado para ela, de doméstica, e o jeito mais fácil foi por meio da pedagogia, “Eu sei onde piso e onde há possibilidade para eu chegar”. Essa é uma fala marcante para qualquer pessoa, mas especialmente para a mulher negra. Por outro lado, é importante ressaltar o que ela chama de “visão de contexto”, a decisão sábia e estratégica de escolher uma luta que ela poderia vencer, talvez se ela tivesse persistido no Direito não teriam conseguido o mesmo êxito que ela obteve com a Pedagogia, pois enfrentaria mais dificuldades financeiras no início, também encontraria barreiras para advogar, sendo mulher e negra.

Outras pesquisas como de Silva (2006) e Santana (2011), apresentam relatos de mulheres que também viam no magistério a possibilidade de não se tornarem domésticas e conquistarem um diferencial socioeconômico. Além de mostrar que a “relação entre gênero e raça emerge como motivo que impossibilitava a conquista de escolarização e de outra profissão que lhes garantisse um melhor status social que o de empregada doméstica [...]” (SILVA, 2006, p. 60).

Mas para se tornarem professoras, mesmo não sendo esse o grande sonho de muitas, essas mulheres negras passaram por diversas dificuldades econômicas, preconceito e discriminações em suas trajetórias acadêmicas:

Carolina: Quando eu entrei na UEMG, quase não tinham negros estudando aqui, na minha turma, de 35 alunos, apenas 7 eram negros.

Esses 7 eram o meu grupinho, é como se houvesse uma seleção natural, dentro da sala mesmo, tanto que no meu grupo da monografia, só uma pessoa era branca. Nós tínhamos que provar a todo tempo que éramos capazes. Eu sofri ainda mais, pois, quando entrei na UEMG, tinha só 18 anos, era adolescente, sofria preconceito pela cor e pela idade (SILVA, 2020, p.166).

Fui discriminada dentro da Universidade, por uma professora que deu um Curso de Filosofia. A gente tinha que fazer aquelas matérias, as fases optativas. Eu trabalhava na escola, então o único horário que eu tinha para fazer era à noite. E enfim, essa professora fez um Curso de Filosofia à noite. Éramos três negros: eu, Mariana e Francisco, os únicos negros da sala que foram participar, de uma turma de quarenta. Essa turma que ela (professora de Filosofia) escolheu, eram uns alunos que ela escolheu a dedo para fazer esse Curso. [...] nós entramos para fazer o Curso porque nós precisávamos para terminar. E como a gente não tinha livro, então a gente exigia mais dela, para ela explicar. E ela tinha raiva disso. [...] numa noite eu faltei e, nessa noite ela pegou os dois (Mariana e Francisco) falou pra eles que era bom a gente sair da disciplina optativa, que a gente não tinha capacidade para acompanhar os outros. Aí a minha colega já saiu chorando, o outro não abria a boca, era daqueles caras que a pessoa fala e está tudo bem. E no outro dia eu cheguei lá e eles contaram para mim, eu não aceitei, na outra noite que teve a aula eu falei para ela que eu não ia desistir. Ela falou: vocês que sabem, vocês não vão passar. Eu falei: eu vou passar. Sabe por quê? Porque se eu não passar eu vou entrar com um processo contra a senhora de discriminação. E não deixei o meu colega sair. Ficamos nós dois no curso, até o final. Ficamos só eu e ele de prova final. A outra colega saiu e foi fazer outro curso no outro semestre. E aí nós fizemos a prova e ela deu a nota mínima. Nós passamos com a nota mínima. Mas eu não me deixei levar por ela. Aí o Francisco falou assim: puxa vida, então nós conseguimos! Eu falei: pois é, a gente é gente como qualquer outro aqui. **E não é porque uma pessoa chega e fala que você não é capaz, que você vai desistir. [...] se você pensar assim, outras pessoas acabam te convencendo que você não é capaz. Então a cor de pele pra mim, nunca foi um problema para eu desistir do que eu queria.** Essa foi a pior coisa que enfrentei na universidade. [...] Eu senti mesmo a discriminação por parte da professora (Professora Elisa) (NASCIMENTO, 2012, p. 48, grifos da autora).

Foi um tempo muito difícil. Eu costumo falar que o tempo da faculdade não me deixa saudades, porque eu chegava à faculdade meio dia e saía dez e meia da noite. Dinheiro curto, então às vezes eu não tinha como me alimentar. Por isso que eu falo que é um tempo que não me deixou saudade (Professora Beatriz) (NASCIMENTO, 2012, p. 50).

Narrativas como da professora Elisa (NASCIMENTO, 2012), de discriminação dentro da universidade são muito graves. Foi considerado por essa professora que essas alunas e aluno negro não eram intelectualmente capazes de cursar aquela disciplina. Ter que ameaçar a professora de entrar com um

processo é um extremo ato de defesa. A cor de nossa pele não define nossas capacidades, os limites que podemos chegar. É o racismo que determina que as pessoas negras têm menos capacidade e é o racismo que coloca os limites para as pessoas se desenvolverem.

O relato da professora Beatriz (NASCIMENTO, 2012), também é marcante, mostra a luta dessas mulheres em se formarem professoras, o sofrimento que elas passam para alcançar essa conquista, sofrimento injusto, que nenhuma pessoa deveria enfrentar.

Ela teve que quase passar o dia todo na faculdade muitas vezes, sem dinheiro para se alimentar, resistindo e lutando em busca melhores condições de vida:

[...] eu pegava o ônibus e ficava um mês em Marília, e tinha que pagar a mensalidade da faculdade, eu recebia e dava todo o meu dinheiro que ainda não dava [...] Toda vez que eu viajava, eu levava um pacote de bolacha. Na época de eleição, os candidatos davam camisetas de campanha política, então eu usava umas camisetas de política e duas únicas calças jeans que eu tinha. Era assim, enquanto eu vestia uma, outra eu lavava e ficava secando. Assim eu ia pra Marília, lá eu ficava quase um mês, e os outros ficavam aqui dando aula [...] eu tinha que ter dinheiro pra passagem, pra pagar a estadia, pra pagar apostila e tinha que ter dinheiro pra pagar os cheques que eu emprestava. Eu ficava dois dias na estrada, eu e um colega. Nós dormíamos no ônibus. O pessoal descia pra almoçar e nós ficávamos dentro do ônibus porque não tínhamos dinheiro [...] nós viajávamos com uma garrafa de água de litros, enchia com a água do banheiro, porque não podia nem comprar água. Teve uma vez, que nós não tínhamos dinheiro pra ir embora, então dormimos na rodoviária. E essa situação durou os três anos, até terminar o curso [...] foi difícil, mas consegui (Amália, Cuiabá) (MOREIRA, 2013, p. 80).

[...] quando terminei o Ensino Médio, fiz a faculdade, pra eles (os professores da escola) parece que não era concebida essa ideia de que uma mulher negra galgasse os passos que consegui. Eu consegui fazer primeiro o magistério, depois a geografia e em seguida a especialização. Então, esse percurso foi complicado para mim, no sentido dessas questões. É muito complicado para uma professora, principalmente a mulher negra conquistar outro espaço. Eu não acho que sou bonita, esteticamente falando, mas não concordo com isso. Eu muitas vezes já fui muito discriminada por isso aqui na escola, mas sempre enfrentei essa situação, pois sempre tive um propósito para a minha vida. (Marina, Cuiabá) (MOREIRA, 2013, p. 81).

O depoimento de Marina (MOREIRA, 2013), reforça o que abordamos no eixo anterior, a ideia que os professores e professoras veem seus alunos e alunas negras como incapazes. Também, podemos observar nessa fala, o que a falta de

representatividade e de uma identidade negra positiva pode significar na vida de uma pessoa negra: “Eu não acho que sou bonita, esteticamente falando”. Todavia, apesar de tantas injustiças e desigualdades, essa mulher não somente se formou em pedagogia, mas também em geografia e fez especialização.

O árduo caminho de estudar sem condições materiais, quando a sociedade racista e machista não acredita em suas potencialidades pode se tornar bastante doloroso e não deixar saudades como vimos em muitos relatos. Contudo, se essas mulheres negras encontram docentes que apoiam, se sentem mais fortes nesse caminho:

Eu trabalhava e estudava. O curso era modular. Era meio pesadão. Nós ficávamos o dia e a noite, até umas dez horas. **Eu devo o meu Ensino Superior a uma professora que me deu muito estímulo quando eu estava desanimada.** O meu marido trabalhava o dia inteiro, ele era motorista. Os meus filhos ficavam praticamente sozinhos, não tinha condições de pagar. A gente ficava ligando, perguntava para o meu menino se estava tudo bem, ficava controlando. Saía de casa seis horas da manhã, cinco e pouco para pegar o ônibus de Várzea Grande para ir para Cuiabá. Na universidade ficava o dia inteiro às vezes até dez horas da noite. Chegava em casa os dois (filhos) já estavam dormindo. Levantava quatro e pouco, cinco horas da manhã para deixar a comida pronta para eles. Naquela época a gente era pobre mesmo. Não foi fácil não. Mais a gente está vencendo. Coragem a gente tem bastante. É uma luta (risos) (Professora Daniela) (NASCIMENTO, 2012, p. 51, grifos nossos).

Se na narrativa anterior Marina (MOREIRA, 2013) encontrou professores e professoras que não acreditam em sua capacidade, temos acima a narrativa da professora Daniela (NASCIMENTO, 2012), que encontrou em uma professora estímulo para não desistir de sua formação, apesar das dificuldades, ao ponto de dizer que deve esta sua formação superior a ela. Os e as professoras são os e as mediadoras do conhecimento e são considerados representantes do saber, especialmente os que dão aula na faculdade, no ensino superior, então quando são racistas e machistas podem destruir a autoestima e o potencial das alunas, mas quando apoiam, igualmente podem fazer uma diferença significativa na trajetória de vida dessas mulheres.

Outro ponto no relato de Daniela que podemos inferir, é que sua família teve um papel importante nessa conquista, pois para o imaginário social é incompreensível que uma mulher deixe sua casa e seus filhos e filhas sozinhas em busca de estudo, conhecimento.

As autoras Silva (2013) e Oliveira (2009) também apresentam em suas investigações semelhantes desafios e lutas de mulheres negras, em deixarem os espaços determinados para elas e se formarem professoras, ultrapassando preconceitos, discriminações raciais e de gênero, condições financeiras entre outros fatores, para finalmente exercerem a docência, com um papel significativo “[...] abrindo novas perspectivas de trabalho e ascensão social, resistindo e reconstruindo identidades positivas” (SILVA, 2013, p. 160).

4.3 Eixo de análise 3: As vivências profissionais atuais: racismo, machismo e resistência

No terceiro eixo: As vivências profissionais atuais: racismo, machismo e resistência, analisamos as narrativas que relatavam as dificuldades que as professoras negras enfrentam em seus ambientes de trabalho, a escola, tais como: o preconceito por parte de colegas de trabalho, pais, mães e familiares dos e das alunas e das próprias crianças, os desafios para assumirem cargos de gestão e ter sua competência questionada cotidianamente.

Como discutimos no eixo anterior, no Brasil a atividade docente, inicialmente, era majoritariamente masculina, principalmente por jesuítas entre os séculos XVI e XVIII. Os homens eram maioria no magistério, mas em meados do século XIX a entrada das mulheres começa a acontecer, por diversos fatores: mudanças no trabalho, industrialização, saída dos homens para outros trabalhos, luta das mulheres e necessidade, pois as classes de meninas precisavam ser conduzidas por “senhoras honestas” (LOURO, 1997b).

O modelo de professora que foi criado na época, eram mulheres que deveriam ser discretas e severas, serem recatadas e não abordarem suas vidas pessoais no cotidiano escolar. Era cobrado delas um “certo comportamento”, um modo de falar, escrever e de argumentar em aula vistos como “adequado”. Elas eram ensinadas no magistério a serem “decentes”, nos seus gestos, olhares, o jeito apropriado de caminhar e sentar. O magistério passou a ser um investimento político sobre os corpos das mulheres, tanto das estudantes como das professoras, “através de múltiplos dispositivos e práticas ia-se criando um jeito de professora.” (LOURO, 1997b, p. 461).

Esse jeito de ser professora, acima de tudo, era representado por mulheres jovens, brancas, heterossexuais, de classe média/baixa, cristãs e solteiras. A entrada das mulheres negras nesse espaço, foi e continua sendo uma ruptura desse modelo de professora.

Esse padrão constituído do ser professora, é forte até hoje, e é uma das justificativas pela qual as professoras negras têm dificuldades de adentrar no mercado de trabalho, principalmente nas instituições privadas. Essas professoras negras, dentro das escolas públicas e privadas sofrem vários tipos de preconceitos e discriminações, com sua aparência, por não acharem que a mulher negra tem capacidade de ser uma professora competente e “honesta”. Além disso, essas mulheres, lidam com o machismo ainda presente nas instituições de ensino, mesmo a Pedagogia sendo majoritariamente uma área feminina. A sociedade já não confia na inteligência das mulheres brancas, pelo machismo, confia menos ainda na mulher negra, que vive o machismo e o racismo, lembrando que o racismo prega que as pessoas negras são fortes para o trabalho pesado e incapazes de pensar (LOPES, 2008).

Podemos observar nas narrativas a seguir que as professoras negras, além de enfrentarem, durante suas trajetórias escolares e acadêmicas várias formas de preconceito e discriminação, passar por vários desafios para cursarem o magistério e/ou a pedagogia e quando finalizam tem mais obstáculos para ultrapassar. O primeiro deles é a dificuldade de entrada no mercado de trabalho, várias situações e exigências que elas têm que vivenciar para adentrar e manter esse trabalho:

Sim. Dificultou! Porque eu tinha que insistir com algumas! Eu falei assim: vamos ver meu trabalho, e tal...Se você ver meu trabalho você vai gostar! Eu faço um teste com você três dias, se você não gostar tudo bem, aí você pode me dispensar que eu vou procurar seguir meu caminho (Isaura, entrevista realizada em 21 fev. 2019) (SANTOS, 2019, p. 29).

Será que você podia fazer uma escova no seu cabelo pra deixar mais baixinho? Será que tem como você abaixar o volume um pouco do seu cabelo pra você vir trabalhar? Manter ele arrumadinho, manter ele trabalhado! Já foi me pedido já! Eu tive que aderir, porque eu precisava trabalhar! Precisava trabalhar então você escova o cabelo, você alisa, muita química, perdi o cabelo já três vezes por causa de química. Agora hoje não, hoje eu deixei meus cachos... Foi um processo, bastante difícil, então pra eu chegar a me amar, amar minha cor, aceitar meu cabelo do jeito que ele é, levou tempo. Tive que ter! Tive

que ter esse processo! Porque, entrei em depressão já por causa disso, assim, você acordar de noite e fala: Senhor por que você não me trouxe branca? Eu não teria tanto trabalho. Então, assim, minhas orações eram assim! Mais não, Deus foi me mostrando no decorrer dos anos que é apenas uma cor, o que ele quer, é que eu seja uma pessoa inteira uma pessoa honesta. Então se eu sou tudo isso que Deus quer? Então, o que é uma cor? (Isaura, entrevista realizada em 23 fev. 2019) (SANTOS, 2019, p. 61).

Teve uma vez que a dona da escolinha falou pra mim que gostava muito do meu trabalho, mas, só que sentia que os meninos tinham medo de mim, por causa da cor, pois queria justificar o não da vaga. Sabe? Só que pra esse tipo de coisa eu não estava preparada, eu estava preparada pra me defender, mas pra esse tipo de coisa, e me pegou de surpresa, mas pra esse tipo de coisa eu estava despreparada, eu estava começando, dezessete anos e foi difícil (C.M.R. Entrevista realizada em 26 fev. 2019) (SANTOS, 2019, p. 85).

Podemos notar nessas narrativas, múltiplas situações: como de insistência por uma oportunidade para provar sua capacidade, exigências absurdas com suas aparências, de ser forçada alisar o cabelo por medo de perder o emprego e a pior delas ouvir a justificativa desumanizadora de que está sendo despedida, pois as crianças tinham medo dela, por sua cor. Todos esses elementos são absurdos, não ouvimos professoras brancas relatando esse tipo de dificuldades em seu ambiente de trabalho, mas para a mulher negra sim, pois para o corpo negro foi imposto um lugar desde o período da colonização que deixou marcas até hoje, são lugares demarcados pelo racismo, pelas opressões de gênero, pela desigualdade de classe, pela discriminação étnica, dentre outras relações discriminatórias que estão presentes em todos os ambientes da nossa sociedade, até dentro das instituições educativas (DA SILVA, MACHADO e COSTA, 2021).

Depois de lidar com todas essas situações, essas professoras ainda têm que enfrentar o racismo e o machismo de seus e suas colegas de trabalho, famílias de alunos e alunas e de seus próprios educandos e educandas:

Claudia: [...] Assim que me formei, eu comecei a fazer concursos e participar de designação, pois eu não queria trabalhar em escola particular, por não gostar das metodologias adotadas. Toda vez que eu chegava às designações, as pessoas achavam que estava lá para concorrer às vagas de faxineira, cantineira. Quando eu consegui uma vaga de supervisão escolar, foi complicado, pois eu era negra e jovem e as outras professoras todas mais velhas. Eu tive que ouvir de um professor em uma reunião que eu deveria estar procurando é sambar e não ser supervisora. Minha reação foi mandar chamar a inspetora,

mas na hora fiquei tão chocada que não consegui debater com o professor, mesmo ele tendo me pedido desculpas posteriormente, nunca esqueci este episódio (SILVA, 2020, p. 177).

Eu cheguei até ouvir o seguinte: você negra, eu tenho mais experiência, você está nova na profissão como você vai ter mais conhecimento do que eu? Isso eu ouvi por parte de colegas professores. Eu sentia embates (expressou-se com ênfase). Existe muito isso em nossa prática, na vivência de nosso dia-a-dia (Professora Isaura) (NASCIMENTO, 2012, p. 58).

No relato de Claudia (SILVA, 2020), podemos observar que a mulher negra dentro de uma instituição de ensino, inicialmente, ainda é vista como faxineira e merendeira. Não é cogitado que essa mulher seja professora, uma coordenadora ou uma diretora, pois a sociedade estruturada no racismo ainda nos enxerga como inferiores, incapazes de ensinar alguém. Além disso, no mesmo relato notamos uma exclamação extremamente machista e racista de um professor, apesar de ela ser sua superiora, ele não a respeitou e nem teve qualquer dúvida em colocá-la em um lugar de inferioridade em relação a ele.

A compreensão histórica da feminização do magistério, também precisa ser vista a partir das relações de gênero como: as representações do masculino e do feminino, dos lugares sociais reservados para cada um deles. O termo gênero, é definido como uma construção social, e ele relacionado com outros elementos como: classe, etnia, religião, idade, entre outros, determinou e continua determinando os lugares de ocupação das mulheres negras (LOURO, 1997b), como podemos constatar em toda essa pesquisa. Assim, com as lentes de gênero e raça entendemos que:

[...] A posição social atribuída a essas mulheres é aquela das atividades consideradas desqualificadas, como as de faxineira, de lavadeira, de operárias, de recepcionistas etc. Por isso, o fato dessas mulheres estarem no magistério como professoras é inconcebível para o imaginário instituído na sociedade [...] (SILVA, 2008, p. 6 apud SILVA, 2013, p. 164).

Costa e Gregório (2018) em diálogo com a pesquisadora Gomes (1995), mostram-nos que antigamente o imaginário social via os negros e negras como seres incapazes intelectualmente, principalmente as mulheres. Por essas questões de gênero e de raça as mulheres negras foram as últimas a ingressarem no magistério, conforme já relatamos em momentos anteriores deste trabalho.

Ainda assim, após essa inserção na carreira docente, tiveram que lidar e ainda estão lidando constantemente com os preconceitos, discriminação racial e o machismo. O resultado é que essas mulheres negras têm que mostrar cotidianamente sua competência, pois no imaginário da nossa sociedade brasileira, foi construída, por meio do racismo, a imagem da incapacidade intelectual da mulher, principalmente da mulher negra. Isso significa que para muitas pessoas, durante muito tempo, pareceu impensável a mulher negra em um espaço de controle masculino, ou seja, a atuação de mulheres negras no magistério é o rompimento dessas ideias:

Ai [...] aqui na escola foram tantas, todas as vezes que um pai chegava que pedia para tirar o aluno da minha sala de aula, teve uma mãe que falou assim reunida com o apoio, com a coordenadora, com a diretora e falou assim, ela falou tão normal e o que me doeu, foi que nenhum deles tomaram nenhuma providência, ela falou assim: não eu não tenho problema com ela, o meu problema é a cor dela. Disse na cara assim! Igual a gente está conversando, sabe o problema, o filho dela, tanto é que a diretora tirou o filho dela da minha sala, no outro dia o menino estava num cantinho na sala, por que ele gostava de mim, e ela a mãe teve que aceitar. Determinação dele e não da escola, não da mãe! Ele não quis sair da minha sala, e ficou claro, ficou claro que o problema da cor releva o preconceito da mãe, ela tinha problema comigo por ser negra (Josefa, entrevista realizada em 26 fev. 2019) (SANTOS, 2019, p. 87).

Já ouvi alunos falando: ah eu não quero estudar com aquela professora. De querer trocar o filho de sala, porque eu era negra. Teve um caso bem recente o ano passado, de uma mãe, mas eu percebia que não era a filha, era a mãe. Ela dizia: a minha filha disse que não quer estudar com essa professora, porque ela é muito brava. Mas eu sabia que não era isso, porque ela nem me conhecia, ainda estava no início do ano. Na verdade as pessoas não aceitam a competência de um negro. Eles têm aquela cultura de que negro é incompetente. Aí eles percebem que você conseguiu superar aquela ideia que eles têm, aí eles frustram. Acabam te aceitando, vem pro seu lado e pronto. Eu acredito que a resposta você tem que dar no trabalho (Professora Claudia) (NASCIMENTO, 2012, p. 60).

[...] não vou fazer, nunca estudei com professora negra, não é agora que você vai mandar. Falei: – ‘meu Deus do céu será que eu vou ter que enfrentar você menino? [...]’. E ele falou bem assim: ‘você não manda em mim não, eu nunca fui mandado por uma negra, não é você que vai mandar’ (Amália, Cuiabá) (MOREIRA, 2013, p. 88).

Apesar das mulheres negras terem rompido com vários obstáculos em relação ao magistério, elas ainda não são bem aceitas. As narrativas acima

demonstram isso: pais e mães que não querem que seus filhos e filhas estudem com uma professora negra, alunos e alunas que não querem serem “mandados” por uma negra, e além disso, gestores e gestoras omissas sobre a discriminação e o preconceito sofridos por essas mulheres durante o trabalho. A questão racial é muito evidente, pois quando o aluno diz que não quer ser mandado por uma negra é porque ele sabe e aprendeu com o racismo que as pessoas negras são as “mandadas”, são as que deveriam obedecer.

Segundo Louro (1997b), antigamente as professoras eram constantemente vigiadas pela comunidade, elas deveriam ser um modelo de conduta para as crianças e jovens, então elas tinham que controlar seus desejos, suas falas, seus gestos e atitudes, para não perder essa posição que elas lutaram tanto para conseguir. Acredito que para as professoras negras esse cenário não mudou. Se as mulheres brancas tinham que mostrarem uma conduta “impecável” no século XIX, hoje as professoras negras, por sua aparência física podem ser recusadas por pais e mães que não querem que elas sejam modelos para suas crianças. As professoras negras ainda continuam tendo que ser mais contidas e vigilantes em seus comportamentos e atitudes que as mulheres brancas.

Assim:

A discriminação da qual são vítimas acontece até no ambiente institucional onde atuam como docentes e pesquisadoras e provém de seus alunos, colegas e dirigentes universitário brancos, independentemente do sexo. A manifestação do preconceito e da discriminação nesse ambiente assume várias formas veladas e abertas: desconfiança de sua capacidade profissional ou intelectual; espanto ou surpresa de aluno (a)s ao se depararem pela primeira vez com uma professora negra na sala de aula; desigualdade salarial comparativamente à do (a)s colegas branco (a)s de formação igual e ocupando posições iguais; desigualdade de oportunidades de financiamento das pesquisas e de mobilidade na carreira (MUNANGA, 2006, s/p apud QUADROS, 2015, p. 20).

Como destacamos durante todo o trabalho, à docência é um lugar de resistência para a mulher negra, pois a sociedade as reservou para outros tipos de espaço e trabalhos, desenhados para elas desde a escravidão, tais como: cozinheira, faxineira, babá, entre outros. A mulher negra é marcada por esses estereótipos da pessoa que está sempre limpando e servindo as outras pessoas. No imaginário social a mulher negra à frente de uma sala de aula gera

estranhamento, ainda mais em cargos de gestão, que é um espaço ocupado por homens e mulheres brancas, na maioria.

Apesar do magistério ter se tornado majoritariamente feminino, os homens ainda ocupavam por um longo tempo, no século XX, posições superiores nas escolas públicas, como diretores e inspetores. As mulheres eram responsáveis por lecionar nas salas de aulas, enquanto os homens controlavam todo o sistema de ensino. Eles eram vistos como referência de poder, eles ainda eram necessários por acreditarem que as mulheres tinham menos firmeza nas decisões, por ter supostamente um excesso de sentimentos e tolerância; em outras palavras as mulheres ainda eram e são vistas como incompetentes e não-inteligentes, e que precisam de um homem para tomar decisões por elas (LOURO, 1997b). Ainda hoje, as mulheres negras que alcançam esses espaços de poder, na gestão e coordenação, enfrentam lutas cotidianas:

A mulher negra ela não nasceu pra estar na frente de quadros, e sim pra estar limpando a escola. Entra as pessoas aqui e me perguntam: aonde que eu encontro a coordenadora? Passam por você e perguntam? Perguntam! Em nenhum momento, nenhum momento passa pela cabeça deles que eu seja ou professora ou coordenadora, muitas pessoas chegam assim, muitos pessoas pensam assim! Muitos já chegam, já olham pro meu jeito [...] (Josefa, entrevista realizada em 25 de fevereiro de 2019) (SANTOS, 2019, p. 58).

Na coordenação, eu percebo que quando eu estou lá na minha sala e tem pessoas brancas na minha sala, quando alguém entra procurando o coordenador ele não se dirige a mim. Sempre vai à pessoa branca que está lá. Isso daí ainda está muito presente na sociedade, que o negro não pode ocupar esse cargo. As pessoas da comunidade, os pais dos alunos, até alguns alunos que começam a estudar, geralmente eles estranham (Professora Elisa) (NASCIMENTO, 2012, p. 59).

[...] quando eu estava na coordenação da escola, chegavam pessoas querendo falar com a coordenadora. Na maioria das vezes ia até a sala, chegava lá e ficava aguardando. Logo eu chegava e perguntava “você quer falar com a coordenadora?” - Sim, quero falar com a coordenadora. Eu respondia: “O que o senhor deseja?” “- É só com a coordenadora”. Respondi: “- eu sou a coordenadora”. A pessoa me olhava com certo espanto e estranhamento. Penso que é por eu ter a cor preta (Ana Lúcia, Cuiabá) (MOREIRA, 2013, p.59).

Nas narrativas acima, as professoras Elisa (NASCIMENTO, 2012), Josefa (SANTOS, 2019) e Ana Lúcia (MOREIRA, 2013), apesar de terem conseguido

assumir a função de coordenadoras, não são percebidas como tais, causando um estranhamento nas pessoas quando descobrem seus cargos.

Para Costa e Gregório (2018), o desenvolvimento profissional de professoras negras não está livre do racismo e as vivências de professoras negras deixam evidentes as questões de gênero e o pertencimento étnico-racial, como origens de identidades diferentes do “ser docente”, trazendo à tona as vivências, os questionamentos e reafirmando novos lugares. Para ocuparem o cargo de gestoras, essas mulheres negras passam por discriminações, perseguições, por não aceitação, por não reconhecimento de suas capacidades, de seus trabalhos entre outros fatores.

Em 88, primeira eleição, eu fui eleita. Passei por um processo de discriminação ferrenha, depois da eleição. [...] quando eu cheguei à escola era aquele reboliço, porque não queriam aceitar a eleição. Eles começaram a pegar documentos, aquelas pastas que os pais assinam no dia da votação e eles queriam assinar aquele negócio para dizer que houve fraude, que teve gente que assinou além. [...] antes de eu ser diretora eu fui coordenadora deles. Você vê a diferença. Eu era coordenadora deles e eles me aceitavam e tinham um bom relacionamento comigo. Eu não tinha problemas, porque eu os orientava pedagogicamente e eu não sentia essa distância. Então eu achei que sendo diretora eu não ia ter essa dificuldade, porque até então eu já tinha essa experiência antes com eles - já era coordenadora - tinha um bom relacionamento, orientava e eles gostavam da minha orientação pedagógica. Mas aí na direção, essa é a história, eu ia ter outra visão de chefia. Eu ia ficar num comando maior. Como coordenadora eu não estava num comando maior. A relação de poder ficou mais forte. Antes como coordenadora, apesar de ser coordenadora e estar trabalhando com eles eu não tinha o poder de comandar. Isso eu percebi, mas às vezes eu não entendia: “porque na coordenação eu não enfrentei essa relação? Porque foi só na direção?” Porque era a questão da cor da pele (Professora Angélica) (NASCIMENTO, 2012, p. 69).

[...] quando eu estava na direção da escola, às vezes estava sentada organizando algo na minha sala, chegavam pessoas dizendo que queriam falar com a diretora. Eu dizia: – pois não, pode entrar. Mas as pessoas resistiam, dizendo que só falariam com a diretora. Quando eu me apresentava como a diretora, percebia um ar de espanto. Essa situação vivenciei por várias vezes, já fazia parte do meu cotidiano na escola. (Ana Lúcia, Cuiabá) (MOREIRA, 2013, p. 90).

[...] entram na sala de aula e perguntam cadê a professora, a professora não vai chegar. Quer dizer, a gente está ali, mas as pessoas não enxergavam, pensa que a professora não é uma pessoa negra, que não é o meu lugar. Isso eu sempre ouvi e vejo até hoje. Eles chegam hoje e perguntam: Quero falar com a diretora. 99% das pessoas de fora da escola que chegam lá tem esse tipo de atitude. Até

as pessoas da Secretaria da Educação que não me conhece fazem isso, chegam e me perguntam que querem falar com a diretora. Quando estou na secretaria da escola, eu e uma professora branca, as pessoas chegam e dirigem a ela para falar como se fosse a diretora. Se eu não tivesse esse estudo, essa formação que tenho hoje poderia achar natural, normal, porque é constantemente. Como digo, culturalmente as pessoas já tem essa ideia de discriminação, que vem da história, da mídia (Olga, Cuiabá) (MOREIRA, 2013, p. 90).

O relato da professora Angélica (NASCIMENTO, 2012), nos mostra claramente a diferença de tratamento sofrida por ela na mudança de função, quando o preconceito veio à tona. A carreira dessas professoras negras e de muitas outras, estão repletas de preconceitos e discriminações, perpassando por todas suas trajetórias profissionais.

Na pesquisa de Gomes (1996) nos revela, como era construída a identidade racial e profissional das professoras negras, e como era a relação com o trabalho e com a questão racial vivenciadas por elas. A autora pôde observar durante as entrevistas, a presença de um discurso baseado na teoria racista, e que acabou reproduzindo os estereótipos reservados para as mulheres negras em nossa sociedade. Com os resultados de sua pesquisa a autora, confirmou a importância que as questões raciais e de gênero têm na vida pessoal e profissional das professoras negras, e que essas questões precisam ser dialogadas na escola. Infelizmente, podemos perceber que esse cenário apresentado pela autora não teve grandes mudanças até o momento.

O trabalho de Silva (2012), que apresenta as posições ocupadas por professoras negras na profissão docente, confirma os mesmos resultados de Gomes (1996). Em seu trabalho o autor foca na ocupação de gestão onde essas mulheres relatam não ter tido, “nenhum diretor negro, nenhum supervisor negro, nenhum orientador negro” (p. 6), e por consequência nenhuma mulher negra também “[...] a mulher negra continua vivendo uma situação marcada pela dupla discriminação: ser mulher em uma sociedade machista, e ser negra numa sociedade racista” (MUNANGA, 2006 p. 133 apud QUADROS, 2015, p. 18), ou seja, essas mulheres romperam várias barreiras para chegarem nesses cargos.

Mas apesar de todo o sofrimento, elas enfrentaram desenvolvendo estratégias para superaram o racismo e o machismo, “num esforço contínuo, elas caminham e se fortalecem marcando suas vidas com histórias de sobrevivência”

(OLIVEIRA, 2009, p. 172 apud SILVA, 2013, p. 17). As narrativas nos detalham a sobrevivência e resistência das professoras negras:

[...] somos negras e temos que fazer o nosso melhor! E não ficar, tá me olhando por que eu sou negra, a tá me excluindo professor... Eu sei, eu sou capaz de fazer e eu concorro com eles, concorro com quem quer que seja, se eu tiver o conhecimento pra fazer aquilo eu faço, e sempre me saí, nunca me propus a fazer, eu sempre fiz. Eu não fico me culpando, porque eu sou negra, por que minha cor é diferente, por que eu sou de classe menos favorecida financeiramente! Não! (Joana, entrevista realizada em 28 fev. 2019) (SANTOS, 2019, p. 31).

Eu sempre procurei dá o meu retorno com conhecimento. Sempre quando alguém me questionava em alguma coisa, principalmente quando eu dirigia a sala de professor, o meu direcionamento era baseado em autor. [...] eu sentia que havia questionamentos para me colocar contra a parede, do tipo assim: vamos ver se ela sabe mesmo! (riso). [...] tinha uma professora que ela dizia assim: ah! Ela até gosta de incorporar autor. Ela achava que eu decorava livros. Quer dizer que, “o negro não tem capacidade de conhecimento”. “O negro não pode gostar de ler”, você entendeu? (Professora Isaura) (NASCIMENTO, 2012, p. 75).

Nada chega de graça. Você tem que aprender a conquistar o espaço e batalhar. Principalmente, os de cor. [...] Eu consegui. Por exemplo, eu trabalho, mais trabalho dominando a minha área. [...] eu tive que por uma armadura, uma roupagem para sobreviver. Do lado do conhecimento, da área pedagógica, da legislação da educação, ninguém me derrubava. Ninguém. Eu tive que fazer isso porque senão bye, bye (Professora Angélica) (NASCIMENTO, 2012, p. 75).

É necessário! Pra você não se sentir que você tem que ficar só na cozinha, então você tem que ser qualificada, você tem que correr atrás, e mais atrás, você tem que provar pro homem [...] que você também pode colocar-se em pé de igualdade a ele. [...] (Isaura, entrevista realizada em 21 fev. 2019) (SANTOS, 2019, p.70).

Nessas narrativas essas professoras negras mostram que por meio de muito estudo, trabalho duro, muita luta elas romperam estereótipos, conquistaram o espaço que almejavam e ascenderam. A luta delas agora é no cotidiano, por conta do racismo e machismo, resistir e provar o tempo todo, em todos os lugares e situações, que elas têm competência para estar nesse lugar alcançado. E é importante estudar as narrativas, as histórias de vida dessas professoras para entender, como sujeitos diferentes, sendo pessoas que vivem diversas formas de opressão constroem suas identidades:

Diante do cenário de discriminações raciais, de gênero e de classe nos diferentes contextos históricos enunciados, o lugar das mulheres

negras, conforme cita Mirza (1997), é um terceiro espaço na teoria, um não lugar, no qual a interseccionalidade, como ferramenta analítica, problematiza e busca compreender as opressões raciais e de gênero que perpassam a vida dessas mulheres nos diferentes espaços, incluindo no decorrer da constituição da profissionalidade do trabalho docente.” (DA SILVA, MACHADO e COSTA, 2021, p. 171).

E foi esse terceiro espaço que expusemos ao longo dessa pesquisa, a intersecção da desigualdade racial e a desigualdade de gênero na trajetória de professoras negras. Tentamos demonstrar, ao longo dos três eixos, como durante a vida das professoras negras o racismo e o machismo se encontravam e tornavam tudo mais árduo, injusto e limitador para elas. Contudo, elas não foram sujeitos passivos diante da vida, as professoras resistiram muito, enfrentaram dificuldades para estudar, se formar e trabalhar. Muitas dessas dificuldades não deveriam existir, nenhuma mulher negra deveria passar por tudo o que essas professoras passaram para se formar.

As professoras negras do estudo batalharam, arduamente, para conquistar o lugar que elas ocupam hoje, rompendo com todas as barreiras e estereótipos impostos a elas pela sociedade, são muito vitoriosas por isso, agora elas se tornarão exemplos para seus alunos e alunas, trazendo representatividade para os estudantes negros e negras que elas não tiveram quando crianças. Esperamos que a partir delas, as meninas negras consigam estudar e trabalhar de uma forma mais justa e menos excludente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desse trabalho, conforme apresentamos ao longo dos capítulos, buscamos compreender as trajetórias de professoras pedagogas negras, com foco nas questões raciais e gênero, por meio de uma pesquisa bibliográfica exploratória.

O primeiro objetivo específico de nossa pesquisa era: Compreender a trajetória educacional das mulheres negras até se tornarem professoras pedagogas por meio das narrativas de vida contidas nos trabalhos escolhidos pelo levantamento bibliográfico.

Alcançamos esse objetivo no eixo de análise 1: “Experiências dos tempos de escola das professoras negras” e, parcialmente, no eixo de análise 2: “As motivações para entrada no magistério e os desafios para se formarem como professoras”.

Ao longo do eixo 1, identificamos as dificuldades enfrentadas por essas mulheres, quando crianças, para conseguirem permanecer na escola, enquanto tinham que trabalhar cedo para ajudar a família como domésticas e babás; o racismo que elas sofreram na escola por suas características físicas (cor da pele, textura do cabelo, traços do rosto), este racismo partia de seus e suas colegas de turma por meio de apelidos pejorativos, desrespeito aos seus corpos e comentários profundamente racistas, dos e das suas professoras na desigualdade de tratamento, nos comentários, nas demonstrações de preferência e exclusões. Todos esses elementos interferiram na trajetória escolar das professoras negras. Entretanto, por outro lado também ressaltamos, o papel das famílias no enfrentamento do racismo escolar, no incentivo a não desistirem dos estudos e na construção de suas identidades negras.

A escola é uma importante instituição educativa nas nossas vidas. As crianças passam muitos anos de suas vidas nela. Por isso, por meio do eixo de análise 1, refletimos sobre a relevância de termos professores e professoras capazes de lidarem com questões raciais na escola, de exercerem uma educação antirracista, o poder que essa educação tem na construção da identidade negra positiva, na mudança desses estereótipos que a sociedade tem em relação a

população negra, além de trazer para o ambiente escolar uma representatividade para a criança negra.

Nosso segundo objetivo específico era: Identificar as motivações das professoras negras na escolha profissional da pedagogia e/ou magistério. Alcançamos esse objetivo no eixo de análise 2: “As motivações para entrada no magistério e os desafios para se formarem como professoras”. Neste eixo também finalizamos o alcance do objetivo 1 da pesquisa que era compreender a trajetória educacional até se formarem professoras.

Pudemos constatar que a escolha profissional da maioria dessas mulheres negras de se tornarem professoras foi bastante influenciada por suas condições socioeconômicas. Muitas afirmaram que buscaram a Pedagogia não por desejo, mas sim necessidade de uma vida melhor, de sair do lugar predeterminado (da limpeza, da cozinha, de babás) para elas pela sociedade. A Pedagogia também foi escolhida por elas pensarem que não conseguiriam ocupar outros espaços, como o do Direito, da Contabilidade, de Medicina Veterinária. A Pedagogia parecia mais acessível por diversos fatores: mensalidade, disponibilidade, maiores chances de trabalho depois de formadas, entre outros. Essas foram as principais motivações, mas tiveram outras professoras que justificaram a escolha pelo desejo, influência de professoras que passaram pelas suas vidas e a família.

Nesse eixo de análise, além de discutir a motivação por trás da escolha profissional, também abordamos as dificuldades enfrentadas por essas mulheres para se formarem professoras. Apresentamos as dificuldades econômicas que elas passaram para estudar, preconceito e a discriminação vivenciados por elas dentro do ensino superior. É importante destacar que essas professoras negras construíram estratégias para estudar, buscaram apoio em suas famílias, amigos e amigas de jornadas e em alguns professores e professoras que as incentivaram para enfrentar os obstáculos que apareceram em suas jornadas.

Nosso terceiro e último objetivo específico era: Analisar como a desigualdade racial e de gênero afetam o trabalho de professoras negras no espaço escolar. Alcançamos esse objetivo no eixo de análise 3: “As vivências profissionais atuais: racismo, machismo e resistência”. Nós compreendemos que depois de todos os desafios que elas enfrentaram para chegarem à formatura, elas ainda continuam com dificuldades de inserção no mercado de trabalho,

principalmente na rede privada. Momento em que suas competências são questionadas a todo momento, sofrem desigualdade racial e de gênero em seus locais de trabalho, preconceito e discriminações por partes de colegas de trabalho, pais, mães, alunos e alunas. Além disso, as professoras negras encontram maiores limites para chegarem aos cargos de gestão e quando chegam tem que provar o tempo todo que são capazes.

Por meio de nossa pesquisa, concluímos que essas mulheres enfrentaram e estão enfrentando esses desafios por não se encaixarem no modelo de professora idealizado (mulher branca, casada e cristã) em nossa sociedade. Mas elas persistiram, ultrapassaram todos esses desafios e dificuldades impostas pelo racismo e machismo, e hoje elas são exemplos. A existência delas garante representatividade para seus alunos e alunas negras.

As professoras negras investigadas, em nosso estudo bibliográfico, também, proporcionaram inspiração e amparo para esse trabalho de pesquisa acontecer. Por meio delas, das experiências dessas mulheres conseguimos entender como o racismo e a desigualdade de gênero atravessam as trajetórias e experiências de professoras pedagogas negras, nosso problema de pesquisa.

O racismo interfere na experiência escolar, despotencializando a identidade negra positiva, destruindo a autoestima das crianças negras e diminuindo a possibilidade delas estudarem. O racismo e o machismo juntos impactam nas condições socioeconômicas das mulheres negras se formarem na universidade, elas enfrentam dificuldades para conciliar família, trabalho e estudo. Por último, o racismo e o machismo interferem na vida profissional, depois de formadas, das professoras negras que são mais questionadas, desrespeitadas e deslegitimadas no espaço de trabalho.

Entendemos que perpassamos todos os pontos importantes das trajetórias dessas professoras, de acordo com a metodologia de pesquisa que escolhemos, a bibliográfica- exploratória. Consideramos que alguns aspectos em nossos objetivos poderiam ser mais aprofundados com uma pesquisa empírica, por meio de entrevistas nossas, contendo perguntas que estimulariam narrativas com mais detalhes específicos para uma análise mais rica. Também avaliamos que algumas análises precisariam de maior reflexão teórica, mas que diante do tempo de estudo de monografia não foi possível de realizar. Mas, deixaremos

essas possibilidades de ampliação e melhoria do estudo da temática para um momento futuro, na pós-graduação.

A temática ainda é pouco debatida no meio acadêmico, mas necessária e relevante. Em meu ponto de vista, essas questões raciais e de gênero precisam estar presentes nos cursos de formação docente, serem mais estudadas e discutidas nas universidades. Um exemplo dessa carência é que tivemos muitas dificuldades em encontrar materiais sobre o tema, que abordassem especialmente os desafios atuais de professoras pedagogas negras na escola.

Destaco em minhas palavras finais, como pesquisadora, que me sinto realizada com esse estudo, por ter alcançado meus objetivos e inquietações iniciais, sobre o que me aguardava como uma pedagoga negra no meu futuro espaço de trabalho: ambiente escolar. Estudar a trajetória dessas mulheres negras me incentivou e me preparou para exercer a docência. Me sinto mais responsável para tratar as questões raciais e de gênero na escola com as crianças e mais segura para lidar com essas questões quando elas afetarem o meu trabalho, minha identidade docente. Desejo, com a minha prática trazer representatividade para as crianças negras.

Para finalizar espero profundamente no futuro, conseguir transmitir para os meus alunos e alunas todo o conhecimento das questões raciais e de gênero que tive acesso por meio dessa pesquisa, ser capaz de me tornar um exemplo para eles e elas.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira”, e dá outras providências.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminino: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. **Racismos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Takano Editora, v. 49, p. 49-58, 2003.

CARVALHO, Maria Regina Viveiros de. **Perfil do professor da educação básica**. (Série Documental. Relatos de Pesquisa, n. 41). Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Brasília. p. 67. 2018.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos (org.). **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola** – ed. 6. São Paulo: Selo Negro, 2001.

_____, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil** – ed. 6. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

COSTA, Claudia Moreira; GREGORIO, Maria de Fátima Di. A mulher negra professora e seus lugares de pertencimento. **R. Inter. Interdisc. INTERthesis**, Florianópolis, v.15, n.3, p.73-90 Set.-Dez. 2018.

CRUSOÉ, Nilma Margarida de Castro; MOREIRA, Núbia Regina; RAMOS, Aline Oliveira. O preconceito racial percebido/não percebido pelas professoras, na educação fundamental. **Práxis Educacional**, v. 10, n. 16, p. 185-198, 2014.

DA SILVA, Sulamita Rosa; MACHADO, Tânia Mara Rezende; COSTA, Ademárcia Lopes de Oliveira. Interseccionalidade e trabalho docente: desafios vividos por professoras negras da UFAC. **Revista Teias**, v. 22, n. 64, p. 167-180, 2021.

GERHARDT, Tatiana Engel; SOUZA, Aline Corrêa de. Aspectos Teóricos e Conceituais. In: Tatiana Engel Gerhardt e Denise Tolfo Silveira (org). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS. p. 13-31, 2009.

GIL, Antonio Carlos **Métodos e técnicas de pesquisa social** - 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

GODOY, Arilda Schmidt. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. Revista de Administração de Empresas; São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63 Mar./Abr. 1995.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: Brasil. **Educação Anti-racista**: caminhos abertos pela Lei federal nº 10.639/03. Brasília, MEC, Secretaria de educação continuada e alfabetização e diversidade, 2005. P. 39 - 62.

_____, Nilma Lino. Educação, raça e gênero: relações imersas na alteridade. **Cadernos pagu**, n. 6/7, p. 67-82, 1996.

_____, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural?. **Revista brasileira de Educação**, p. 40-51, 2002.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia** - 5. ed. - São Paulo: Atlas 2003.

LINS, Beatriz Accioly; MACHADO, Bernardo Fonseca; ESCOURA, Michele. **Diferentes, não desiguais**: a questão de gênero na escola. São Paulo: Editora Reviravolta, 2016.

LOPES, Tania Aparecida. **Professoras negras e o combate ao racismo na escola**. Tese (Mestre em Educação) - Universidade Federal do Paraná. Curitiba, p. 106. 2008.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997a.

_____, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. **História das mulheres no Brasil**, v. 2, p. 443-481, 1997b.

MOREIRA, Nilvaci Leite de Magalhães. **Trajetórias de vida de professoras negras da baixada cuiabana/MT**. 2013, p. 113. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Mato Grosso, Instituto de Educação, Cuiabá. 2013.

NASCIMENTO, Cleonice Ferreira. **Histórias de vida de professoras negras: trajetórias de sucesso**. 2012, p. 84. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Mato Grosso, Instituto de Educação, Cuiabá. 2012.

QUADROS, Taina Flores de. **Vida de mulheres negras, professoras universitárias da Universidade Federal da Santa Maria**. 2015, p. 99. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015.

RIOS, Flavia; MELLO, Luiz. Estudantes e docentes negras/os nas instituições de ensino superior: Em busca da diversidade étnico-racial nos espaços de formação acadêmica no Brasil. **Portal Geledés**, 2019. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/estudantes-e-docentes-negras-os-nas-instituicoes-de-ensino-superior-em-busca-da-diversidade-etnico-racial-nos-espacos-de-formacao-academica-no-brasil/>. Acesso em: 07 de jul. de 2021.

SANTANA, Patrícia. **Professoras negras: trajetórias e travessias** – ed. 2. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2011.

SANTOS, Rosilda Campelos dos. **Professoras negras:** narrativas e memórias dos percursos escolares e de formação. 2019, p. 109. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Católica de Goiás, Goiânia. 2019.

SILVA, Eva Aparecida da. Mulheres negras professoras em Araraquara-SP. **Cadernos de campo: Revista de Ciências Sociais**, n. 10, 2004.

SILVA, Jacira Reis da. Para não passar a vida na vassoura: magistério, espaço de ascensão social, na representação de mulheres negras. **Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas**, v. 7, n. 1, 2006.

SILVA, Kelly. **Trajetórias de professoras negras:** educação, gênero e raça. 2020, p. 220. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, 2020.

SILVA, Maria de Lourdes. **Enfrentamentos ao racismo e discriminações na educação superior:** experiências de mulheres negras na construção da carreira docente. 2013, p. 241. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2013.

SILVA, Tiago Vargas da. Posições ocupadas por professoras negras na profissão docente. **XIV Seminário Internacional de Educação no Mercosul**, 2012.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A Pesquisa Científica. In: Tatiana Engel Gerhardt e Denise Tolfo Silveira (org). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 33-44, 2009.

TELLES, Camila Ferreira da Silva et al. A mulher negra no magistério: reflexões em torno de trajetórias históricas. **Humanidades & Inovação**, v. 6, n. 2, p. 38-47, 2019.



**INSTITUTO FEDERAL
DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA**
Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE
GOIÁS

Documento Digitalizado Público

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC Versão Final

Assunto: Trabalho de Conclusão de Curso - TCC Versão Final

Assinado por: Matheus Souza

Tipo do Documento: Documentos

Situação: Finalizado

Nível de Acesso: Público

Tipo do Conferência: Cópia Simples

Documento assinado eletronicamente por:

- **Matheus Pereira de Souza, ASSISTENTE EM ADMINISTRACAO**, em 28/03/2022 16:40:12.

Este documento foi armazenado no SUAP em 28/03/2022. Para comprovar sua integridade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifg.edu.br/verificar-documento-externo/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 261863

Código de Autenticação: 0107837248

